

ARMADILHAS da OBSESSÃO

Um olhar sobre os ensinamentos de Allan Kardec

 Letra Espírita



RAFAELA PAES DE CAMPOS

Copyright © 2020 Rafaela Paes de Campos

1ª edição eletrônica: julho de 2020

Capa: Jackelline Furuuti

Projeto eletrônico: MarcoMelo.com.br

Revisão: Helena Kolbe

ISBN 978-65-991364-3-6

Armadilhas da obsessão | Rafaela Paes de Campos

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização do Letra Espírita.

Contato e pedidos:

vendas@letraespirita.com.br

(22) 2738-0184



Clube do Livro
Letra Espírita
LEVANDO ATÉ VOCÊ LIVROS QUE ILUMINAM

ARMADILHAS *da* OBSESSÃO

Um olhar sobre os ensinamentos de Allan Kardec

 Letra Espírita



RAFAELA PAES DE CAMPOS

DEDICATORIA

A todos aqueles que trabalham em prol da propagação do Consolador Prometido, levando conhecimento, apoio, fé, amor, suporte e todo tipo de caridade que podemos exercitar. Vocês são a inspiração e a certeza de que o amor ao próximo é Deus caminhando pela Terra, ainda tão envolta nas garras do egoísmo e do orgulho.

Aos que se encontram envoltos nas armadilhas da obsessão, que este livro sirva de auxílio e luz nos caminhos da libertação. Que haja luz sobre a compreensão de que os caminhos percorridos pela obsessão são mais sutis do que comumente supomos, e que livrar-se de suas amarras é mais simples do que imaginamos.

Que uma das bases da filosofia Espírita seja nossa companheira em tempo integral: Vigiemos e oremos, sempre!

AGRADECIMENTOS

Àqueles que, nesta encarnação estão como meus pais, pela oportunidade da vida e pela educação baseada nos caminhos do bem e da retidão, trilhas que me trouxeram até este momento de imensurável felicidade.

À família desta vida que, com respeito e amor, me viram adentrar as sendas do Espiritismo.

Ao amigo Maercio que, em 2017, ofereceu o suporte da paciência e dos seus amplos conhecimentos doutrinários, fazendo sumir a insegurança e o medo que meus primeiros passos como escritora me faziam sentir.

À família fundadora do Letra Espírita, que me abriu as portas de um mundo desconhecido, presenteando-me com a confiança no trabalho sério e disciplinado de divulgação da Doutrina Consoladora. Especialmente a Murilo, que se tornou o mentor encarnado de tal caminho.

À família que se formou no Letra Espírita, colunistas e comunicadores do bem, almas afins que se encontraram virtualmente em prol de um só sentimento: o amor ao próximo. Em especial, à Jackeline, Juliana e Priscila, que se tornaram amigas queridas e sempre presentes, mesmo que não fisicamente.

Aos amigos de longa data, em todos os sentidos, pelo acompanhamento e apoio de todo o meu trabalho no Espiritismo, até este momento. Caminhar pela vida tendo pessoas como vocês por perto, é estar sempre envolta no manto dos melhores sentimentos desta Terra.

A toda a Espiritualidade amiga que me inspirou e sustentou ao longo dos meses de escrita e trabalho, clareando meus pensamentos,

atenuando sentimentos e me fazendo crer em mim mesma. Com especial carinho, ao querido Sr. Antônio, mentor dos meus estudos e que, sem dúvida, se fez presente na elaboração deste livro.

À Deus e ao amado irmão mais velho, Jesus, por esta vida e pela possibilidade de evoluir e crescer dentro de caminhos tão consoladores quanto os que nos são proporcionados pela Doutrina Espírita.

INTRODUÇÃO

O humilde objetivo deste livro é desmistificar os processos de obsessão. A sociedade cresceu inserida em um contexto de filmes vultuosos do gênero terror, tratando sempre o contato com Espíritos sob uma nuvem de misticismo, sobrenaturalidade e medo, inculcando a crença de possessões ostensivas, perceptíveis e mortais.

Entretanto, as armadilhas criadas pelos obsessores são tão sutis quanto seus corpos etéreos, imperceptíveis aos mais leigos, e sem nada de sobrenatural. Eu, você, podemos estar, nesse momento, sendo vítima de um obsessor e, sem perceber, seguimos normalmente a vida, atribuindo os acontecimentos, pensamentos e sentimentos ruins ao acaso ou a uma maré de má sorte.

Obsessores não são demônios, não possuem chifres nem cheiram a enxofre como convencionou-se pensar. São Espíritos como nós, mas ainda imbuídos de más inclinações que os fazem buscar vingança, divertimento ou fazer o mal apenas por fazê-lo.

Sendo assim, aqui buscaremos, dentro dos ensinamentos trazidos pela Espiritualidade, por intermédio da Codificação de Allan Kardec, o conhecimento de como funcionam esses mecanismos, percebendo inclusive que, em muitas situações, as portas para um obsessor são abertas por nós mesmos, sem querer, sem perceber, sem saber. Passaremos ao longo dos capítulos, pelos conceitos inerentes à obsessão, entenderemos a influência exercida o tempo inteiro pela Espiritualidade (boa ou ruim) no mundo material, veremos que a obsessão é um mecanismo que, na maioria das vezes, se presta como instrumento de vingança ou como prova ou expiação ao encarnado. Compreenderemos como atua um Espírito obsessor, quais os tipos de obsessão conhecidas e possíveis, bem como a forma pela qual elas

se dão. Trataremos dos processos de obsessão inseridos dentro de um contexto mediúnico, bem como analisaremos de forma breve a efetividade dos conhecidos rituais de desobsessão e, por fim, como podemos nós mesmos, evitar ou acabar com processos obsessivos.

Conforme será notado com o passar das páginas, somos mais poderosos do que imaginamos para nos proteger e, inclusive, para auxiliar nossos irmãos desencarnados que ainda inseridos nas névoas e garras das más tendências, fazendo-os perceber a perda de precioso tempo que poderia e poderá, pela graça de Deus, ser utilizado para aprendizado e crescimento espiritual.



CAPÍTULO 1

O CONCEITO DE OBSESSÃO NA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

1.1. O CONCEITO DE OBSESSÃO

Abre-se a narrativa deste livro explicando a conceituação do termo obsessão, pois, é de suma importância que mergulhemos nessas páginas plenos do entendimento do que efetivamente significa e como se configura tal fenômeno espiritual. Para isso, socorre-nos o livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que nos ensina:

A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a completa perturbação do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade de escrita, traduz-se na obstinação de um Espírito em manifestar-se, excluindo todos os outros (KARDEC, 2019, p. 286).

Em primeiro lugar, portanto, verificamos desde o início deste estudo que a obsessão normalmente não virá envolta em manifestações extraordinariamente sobrenaturais, ou seja, que indiquem de forma veemente que há uma obsessão em curso.

O trecho acima ensina-nos que ela pode variar desde a simples influência moral exercida sobre o indivíduo, até a perturbação perceptível do organismo e mentalidade da pessoa obsidiada.

A obsessão normalmente é um processo que se dá de forma silenciosa, disfarçada, o que dificulta o seu completo entendimento e, principalmente, a verificação de sua ocorrência. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* deixa claro na citação destacada que a obsessão pode simplesmente exercer influência na moral do indivíduo que a ela está exposto, o que torna sua constatação mais

difícil, prolongando o processo obsessivo.

É por meio de um estudo sério e disciplinado que se adquire o conhecimento necessário para que essas situações não ocorram ou, se ocorrerem, que sejam neutralizadas de forma rápida, auxiliando o obsessor no entendimento de sua realidade e do mal que faz a si e ao outro, acumulando débitos ainda maiores para sua evolução.

A obsessão que atinge o organismo e o mental de uma pessoa, ou seja, que a envolve de forma completa, é muito rara. Esta seria uma obsessão mais fácil de ser detectada, haja vista que mudaria padrões inerentes ao obsidiado. Por ser, via de regra, dotada de muita sutileza, os casos de obsessão são verificados mais tarde do que poderiam ser, se tivéssemos o pleno entendimento da delicadeza de seus mecanismos.

Nisso tudo se encontra a importância do estudo do tema, do entendimento profundo dos detalhes de uma obsessão, possibilitando que ela seja percebida prontamente e anulada de forma rápida, oferecendo segurança àquele que sofre com todo o processo, bem como, auxiliando na evolução do Espírito que encontra na obsessão uma forma de satisfazer suas necessidades ou de vingar-se por débitos oriundos de vidas passadas.

A obsessão, portanto, é a influência direta exercida por um Espírito de ordem inferior, que ataca o obsidiado influenciando-o moralmente, o que seria sua forma mais sutil, até conseguir desestabilizar o organismo e a mentalidade do indivíduo, configurando-se, assim, em uma forma agravada do processo obsessivo.

A passagem de O Evangelho Segundo o Espiritismo, que citamos, ainda menciona que nos casos em que o indivíduo possui mediunidade ostensiva, dando o exemplo da psicografia, o médium, então, passa a manifestar apenas um Espírito comunicante, o que acaba sendo um sinal perceptível de que há uma obsessão em curso.

No caso da mediunidade, sabemos que os Espíritos se socorrem dos médiuns para que possam comunicar-se, seja transmitindo

mensagens edificantes, seja buscando auxílio quando ainda perdidos em seu contexto de vida espiritual. A mediunidade não é um dom, mas sim, um compromisso sério assumido pelo médium para reajustes de débitos trazidos de existências pretéritas, e isso perderia sua função se ao médium fosse conferida a possibilidade de permitir que apenas alguns Espíritos em específico se manifestassem.

A mediunidade deve atender a todos que dela necessitem, e isso engloba todos os Espíritos que buscam pela exteriorização de suas necessidades através de uma comunicação, seja ela de qual natureza for. Manifestar apenas um Espírito, conforme demonstrado por Kardec, explicita um quadro de obsessão a que o médium está sendo exposto, o que faz com que suas atividades não sejam tão confiáveis, haja vista o exercício desta forte influência.

A questão inerente à mediunidade de um só Espírito será tratada mais a frente, em tópico específico.

Entretanto, que desde já fique claro que há Espíritos mentores que se manifestam mais vezes do que outros. Tal afirmativa é corroborada pela realidade, por exemplo, de Chico Xavier, cujo mentor era Emmanuel e que passou ao médium a grande maioria das mensagens e livros que este psicografou em vida. Mas, nem nesse contexto, voltando ao exemplo de Chico, detinha-se apenas às manifestações do mentor, tendo ele recebido e transmitido mensagens e psicografado livros de Espíritos diversos ao longo de sua vida.

Seguindo, Kardec nos traz a informação de que a obsessão “*oblitera todas as faculdades mediúnicas*” (KARDEC, 2018, p. 318), conforme se encontra no trecho que abriu este tópico.

Obliterar significa fazer desaparecer, ou seja, a obsessão quando direcionada a um médium faz com que sua capacidade mediúnica se torne praticamente nula, o que faz com que o Espírito obsessor domine suas percepções e se apodere do médium, comunicando apenas aquilo que ele quer, e que não poderia ser levado em conta, haja vista suas escusas intenções.

Observe-se cuidadosamente que não se afirma aqui que não se deve dar vazão à comunicação de Espíritos obsessores. Longe disso! O que o estudo nos demonstra é que a comunicação constante de um único Espírito denota um quadro de obsessão por parte do médium, que deve ser afastado de seus trabalhos mediúnicos até que se reequilibre e livre-se da obsessão.

É cristalino o ensinamento da Espiritualidade de que todos os Espíritos podem comunicar-se, haja vista que alguns são socorridos, outros educados, e alguns vêm para nos transmitir importantes mensagens. O que não é recomendável, é que um médium isole-se ao poder de permitir que apenas um Espírito se comunique, dando a ele vazão aos seus desejos nada sublimes.

O médium precisa ter o conhecimento básico necessário para que sua faculdade mediúnica seja exercida de forma salutar para si e para os Espíritos comunicantes, o que não ocorre dentro desses processos de obsessão.

Ao permitir tais acontecimentos, sem dar-se conta de que há ali um processo de obsessão, o médium está atrasando o Espírito obsessor em seu entendimento, em sua evolução, dando espaço para que ele atinja seus objetivos inferiores de vingança, animismo e maldade.

Ademais, quando essa mediunidade encontra espaço em uma casa espírita, os demais médiuns também precisam estar atentos a esse tipo de situação, alertando de forma direta o médium e auxiliando na resolução do processo obsessivo.

Por isso, mais uma vez reitera-se que esse tipo de situação pode ser evitada, ou ao menos, anulada prontamente, quando os envolvidos entregam-se a um estudo sério e disciplinado das verdades espirituais ofertadas ao encarnado. Principalmente quando esses quadros se apresentam inseridos na mediunidade, eles tornam-se menos aceitáveis, haja vista que dentro desse contexto, o zelo e conhecimento são primordiais.

A mediunidade é uma responsabilidade muito grande, e isso engloba o cuidado com a qualidade das comunicações que se

transmite, propiciando que o Espiritismo seja cada vez mais desmistificado, entendido e difundido.

Ao permitir comunicações levianas, fantásticas, envoltas em uma névoa de sobrenaturalidade, o médium presta um desserviço à Doutrina, deixando-se levar por Espíritos levianos, transmitindo comunicações nada confiáveis, dando vazão ao desconhecimento doutrinário, e tornando-se um joguete nas mãos de Espíritos de ordem inferior, que deveriam ser prontamente auxiliados em seu entendimento.

Prosseguindo, então, na questão conceitual, O Livro dos Espíritos, em sua Introdução, nos ensina que:

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais nem em inteligência, tampouco em conhecimento e moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros por sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade em relação a Deus, sua pureza de sentimentos e seu amor ao bem: estes são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes estão mais e mais distanciadas dessa perfeição. Os das escalas inferiores inclinam-se à maior parte de nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; comprazem-se no mal. Na totalidade dos Espíritos, há aqueles que não são nem muito bons nem muito maus, estando mais para perturbadores e intrigantes do que para maus. A malícia e a inconseqüência parecem ser seus parceiros; estes são os Espíritos travessos ou levianos (KARDEC, 2018, p. 20).

Nesse sentido, preliminarmente explica-se que os Espíritos superiores não obsidiarão os encarnados, haja vista o estado de depuração moral já alcançado por eles. Entretanto, há também que se considerar a existência das demais ordens de Espíritos, de grau evolutivo mais baixo e ainda afeitos às paixões humanas, brincadeiras inoportunas e inconseqüências.

Interessante, nesse ponto, perceber que a Espiritualidade traz a informação de que esses Espíritos de ordem inferior são demasiadamente inclinados às paixões humanas, em suas variadas

formas. E dessas informações, pode-se chegar a interessantes conclusões que serão, oportunamente, discutidas de forma aprofundada.

Se os Espíritos evolutivamente inferiores se apegam ainda aos maus sentimentos e más atitudes a que os encarnados estão expostos e são suscetíveis, já é possível concluir que a vazão dada a esses sentimentos menores constituem-se em uma porta aberta aos processos de obsessão.

Sim, pois se eles são inclinados ao ódio, à inveja, ao ciúme, ao orgulho, ao egoísmo, entre outros vícios tidos como inerentes aos seres humanos, no momento em que se deixa levar por essas baixas vibrações, permite-se a aproximação de um Espírito que traga consigo intenções escusas, por sintonia de pensamentos.

Se partir-se do pressuposto de que somos energia em sua forma mais pura, atraímos para nós mesmos aquilo que emitimos para o universo, e os Espíritos inferiores, atentos a qualquer deslize moral dos encarnados, percebem essa situação e se afinam a esses sentimentos, passando a exercer um império sobre aquele que se tornou vulnerável.

A obsessão, nada mais é, do que a potencialização de sentimentos ruins que acometem as pessoas, fazendo com que o obsessor comande seus pensamentos, levando esses sentimentos a um grau cada vez mais elevado, potencializando inveja, ódio, ciúme, desejos de vingança, e os mais variados exemplos que se poderia mencionar.

Desta feita, fica uma importante lição já nas primeiras letras deste livro: A obsessão não é fruto apenas da inferioridade de certos espíritos, mas também, fruto de um descuido do obsidiado, que se deixa levar pela negatividade de pensamentos e sentimentos, abrindo portas imensas para que esses espíritos menos esclarecidos exerçam seu “poderio”. Ah, e poderio que só encontra respaldo, frisa-se, na nossa falta de vigília e oração.

Não obstante, seja qual for o intuito de tais Espíritos, sejam eles maus e inclinados aos sentimentos inferiores, sejam eles zombeteiros

e inconsequentes, eles só encontram espaço em nossa invigilância, por isso, cabe desde já, a reflexão acerca das portas que abrimos para esses dolorosos processos.

Essas reflexões iniciais auxiliarão sobremaneira na compreensão de outras fases deste estudo, demonstrando claramente a parcela de responsabilidade de cada um de nós dentro desses tristes quadros.

Concluindo, portanto, e estabelecidos os conceitos mais simples a respeito da obsessão, levando você, leitor, a algumas reflexões preliminares a respeito do tema, passar-se-á ao entendimento dos demais tópicos pertinentes a tais processos.



CAPÍTULO 2



A INFLUENCIA DOS ESPIRITOS NO MUNDO MATERIAL

2.1. A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS PENSAMENTOS DOS ENCARNADOS

Conforme demonstrado no capítulo anterior, e aqui de forma resumida e apenas a título de introdução, compreendemos que a obsessão se dá por meio da influência de Espíritos inferiores em relação ao obsidiado.

Partindo desse primeiro pressuposto, neste ponto é importante que se compreenda que a forma pela qual se dá essa influência é a dos pensamentos. Nesse contexto, O Livro dos Espíritos traz valiosas elucidaciones. Iniciamos pela questão 459, onde temos:

459 - Os Espíritos influem em nossos pensamentos e ações?

- Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, muitas vezes, são eles que vos dirigem (KARDEC, 2018, p. 174).

Neste ponto, podemos compreender que a influência dos Espíritos nos pensamentos dos encarnados é maior do que se pode supor, pois, essas ideias e sugestões são comumente dirigidas por eles. A seguir, lecionam na questão 460:

460 - Temos pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos?

- Vossa alma é um Espírito que pensa. Não deixeis de considerar que vários pensamentos vos ocorrem ao mesmo tempo sobre um mesmo assunto, e que, muitas vezes, eles são contraditórios entre si. Pois bem! Neles há sempre um pouco de vós e um pouco de nós. É isso que vos deixa na incerteza, pois tendes em vós duas ideias que se entrechocam (KARDEC, 2018, p. 174).

De maneira muito generosa, a Espiritualidade nos reafirma que somos seres pensantes, mas surpreende ao nos afirmar que temos em nós dois tipos de pensamentos, os que são nossos e os que nos são sugeridos, sendo muito difícil que consigamos estabelecer a diferença entre um e outro. Portanto, podemos interpretar que somos influenciados o tempo inteiro, mas na impossibilidade de distinguir o que vem de nós e o que vem dos Espíritos, seguimos aquele pensamento com o qual nos identificamos, dando vazão ao nosso livre arbítrio.

Aprofundando-nos, a próxima questão, ainda em O Livro dos Espíritos, nos diz:

461 – Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos? – Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que vos fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os que ocorrem num primeiro impulso. Além disso, essa distinção nem é tanto de vosso interesse, e muitas vezes é útil não sabê-la: o homem age mais livremente. Se decide pelo bem, ele o faz com maior boa vontade; se tomar o mau caminho, terá apenas mais responsabilidade (KARDEC, 2018, p. 174).

Reitera-se a explicação dada anteriormente, mencionando que embora possa ocorrer, muito dificilmente é possível que consigamos estabelecer as mencionadas diferenciações. Entretanto, a Espiritualidade nos traz nova informação, ensinando que essa diferenciação nem teria utilidade, haja vista que seguiremos o caminho ao qual nos sintonizamos, caminhando em paz pelo bem, ou sendo mais responsabilizados pela escolha do mal.

Portadores do livre arbítrio como somos, se nos fosse fácil diferenciar entre o que é pensamento próprio e aquele que nos é sugerido, tanto para o bem quanto para o mal, nenhum mérito teríamos pelos acertos do caminho.

E a Espiritualidade prossegue:

*462 – Os homens de inteligência e gênio tiram suas ideias de suas próprias essências?
– Algumas vezes as ideias vêm de seu próprio Espírito, mas muitas vezes são sugeridas por outros Espíritos, que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de transmiti-las. Quando os homens não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração; é uma evocação que fazem, sem o suspeitar (KARDEC, 2018, p. 174).*

Reafirma-se: Não há utilidade no reconhecimento de pensamentos próprios ou de pensamentos sugeridos. E neste mesmo sentido, afirma a Espiritualidade que nos homens de intelectualidade mais elevada, algumas vezes os pensamentos são deles mesmos, em outras situações, dos Espíritos e, às vezes, julgando-se inspirados, é através de uma evocação que encontram as respostas que procuram, sem assim suspeitar.

Dessa feita, podemos já compreender que a influência dos Espíritos nos pensamentos dos encarnados não difere entre o mais ou menos inteligente. Ela é a mesma para todos, mudando apenas a forma pela qual ela será ou não absorvida e por quais trilhas permitirá que o encarnado siga.

Em seguida, pergunta-se:

*463 – Diz-se, algumas vezes, que o primeiro impulso é sempre bom. Isso é verdade?
– Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. Entre aqueles que ouvem as boas inspirações, o primeiro impulso é sempre bom (KARDEC, 2018, p. 174).*

Em nosso dia a dia, é comum ouvirmos que devemos seguir nosso primeiro pensamento, porque será o mais correto. Entretanto, isso varia de acordo com o grau de depuração moral do encarnado que, influenciado pelos espíritos, terá ao seu lado companhias condizentes com aquilo que ele vibra e atrai. Por isso, a qualidade dos pensamentos e suas conseqüentes atitudes serão totalmente

proporcionais a qualidade do que se pensa, faz e atrai.

Por fim, verifica-se:

464 – Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito?

– Estudai o assunto; os bons Espíritos só aconselham o bem; cabe a vós distinguir (KARDEC, 2018, p. 175).

Conclui-se este tópico, portanto, compreendendo que o pensamento sugerido por um bom ou por um mau espírito depende do entendimento próprio que se faz a respeito do que é certo ou errado, ou seja, ele varia de acordo com o que se vibra e, conseqüentemente, atrai. Espíritos bons jamais irão compelir o encarnado ao mal, e essa diferenciação se torna possível dependendo do grau de depuração moral que lhe for inerente.

2.2. PERMISSÃO DA ESPIRITUALIDADE NOS CASOS DE OBSESSÃO

Pensar que a Espiritualidade permite a obsessão é um pensamento um tanto quanto incoerente quando já se está no caminho do estudo da Doutrina Espírita. A Espiritualidade superior jamais se inseriria num contexto de permissão para o mal, haja vista que esta não é sua natureza. Mas, nesse ponto, há um lembrete importantíssimo: Eles não programam o mal, mas respeitam o livre arbítrio inerente ao ser humano, e este poderá ser usado da forma que mais for conveniente, o que significa tornar-se instrumento tanto do bem quando do mal.

Sendo assim, traz O Livro dos Espíritos algumas elucidacões acerca dessas indagações, iniciando-se pela questão 466:

466 – Por que Deus permite que os Espíritos nos incitem ao mal?

– Os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a testar a fé e a constância dos homens no bem. Tu, sendo Espírito, deves progredir na ciência do infinito, e por isso passas pelas provações do mal para chegar ao bem. Nossa missão é colocar-te no bom caminho. E, quando as más influências agem sobre ti, é porque as convocas pelo desejo do mal, pois os Espíritos inferiores vêm auxiliar-te no mal quando desejas praticá-lo. Eles só podem ajudar-te no mal quando queres o mal. Se és propenso ao homicídio, pois bem! Terás um bando de Espíritos que alimentarão em ti esse intuito. Mas também há outros que se empenharão em influenciar-te para o bem, o que fará com que isso equilibre a balança, permitindo que sejas senhor dos teus atos.

Nota de Kardec – É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir, e também a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós (KARDEC, 2018, p. 175).

Podemos dizer que a espiritualidade inferior serve como uma espécie de termômetro da resignação dos encarnados em direção ao bem maior. Aos encarnados cabe a tarefa constante de progredir rumo à perfeição, e para isso, há que passem por provas que servem como verdadeiros testes de fé.

Nesse contexto, o caminho do bem nos é intuído incessantemente pela Espiritualidade Superior. Entretanto, a realidade demonstra que se o mal chega à nossa realidade, é porque ele foi atraído por nós mesmos, como uma consequência de nossos pensamentos e inclinações inferiores. Por isso, não há que se falar em permissão de Deus para que os Espíritos nos façam o mal, mas sim, na prática do livre arbítrio que nos compele a pensamentos e atitudes menos elevados, que acabam por atrair companhias afins.

Continua Kardec:

470 – Os Espíritos que tentam nos induzir ao mal e que dessa forma colocam à prova nossa firmeza no bem, receberam a missão de fazê-lo? E se é missão que cumprem, eles têm a responsabilidade disso?

– Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal; quando o faz é por sua própria vontade e, assim, sofre as consequências disso. Deus pode permitir que ele o faça para vos testar, mas não o ordena, e cabe a vós repeli-lo (KARDEC, 2018, p. 176).

Reafirma-se mais uma vez, que Espíritos inferiores não recebem a missão de nos fazer o mal. Eles o fazem por vontade própria, mas tornam-se realmente capazes de fazê-lo quando assim permitimos através de nossa invigilância. Portanto, o poder de dizer não às más inclinações reside em cada um de nós, indistintamente.

E ainda há que se falar que nossos mentores, incumbidos de nossa orientação e instrução enquanto encarnados, tentam nos livrar dos maus Espíritos, mas muitas vezes, permitem que tal influência ocorra para que possamos aprender através das lutas que essas

situações proporcionam, fazendo com que nos tornemos mais fortes e desejosos de caminhar pelas trilhas do bem.

A última questão nesse sentido, contida em O Livro dos Espíritos, ensina:

*472 – Os Espíritos que nos querem induzir ao mal apenas aproveitam as circunstâncias em que nos encontramos ou podem criar essas circunstâncias?
– Aproveitam a circunstância, mas muitas vezes eles a provocam, impelindo-vos, sem que percebeis, ao objeto de vossa cobiça. Assim, por exemplo, um homem encontra em seu caminho uma soma em dinheiro; mas penses que foram os Espíritos que levaram o dinheiro até ali, mas eles podem dar ao homem o pensamento de se dirigir àquela direção, e então lhe sugerem apoderar-se dele, enquanto outros lhe sugerem devolver o dinheiro ao dono. O mesmo ocorre com todas as outras tentações (KARDEC, 2018, p. 176).*

Nesse ponto, explica a Espiritualidade que os Espíritos inferiores comumente aproveitam-se das circunstâncias que fazem parte de nossas vidas para nos incitar ao mau, mas eles também podem criar situações que nos inserem dentro desses contextos cabendo a cada um de nós a escolha de fazer o que eles sugerem ou resistir às más inclinações.

É como a própria Espiritualidade exemplifica em sua resposta. O espírito inferior pode nos fazer ir até uma rua onde haja um dinheiro caído, perdido, mas ir até lá e encontrar o dinheiro nos dá a possibilidade de escolha: pegá-lo ou devolvê-lo ao dono, e essa ação será uma consequência totalmente coerente com aquilo que permitimos que nos invada em termos de inspiração, variando de acordo, também, com o nosso grau de depuração moral.

Passando-se ao Livro dos Médiuns, tem-se:

1. Por que certos médiuns não conseguem se livrar dos Espíritos maus que se ligam a eles, e porque os Espíritos bons que esses médiuns evocam não são suficientemente

poderosos para afastar os outros, comunicando-se diretamente?

– Não é que falte poder ao Espírito bom; quase sempre é o médium que não é suficientemente forte para acompanhá-lo: sua natureza se presta melhor a outras relações; seu fluido se identifica mais com o de um Espírito que com o de outro; isso é o que dá tamanho domínio àqueles que querem se aproveitar dele (KARDEC, 2019, p. 208-209).

No que tange a questão mediúnica, a Espiritualidade ensina-nos que nos casos em que o médium não consegue se desvencilhar da influência dos maus Espíritos, não há que se falar em uma possível falta de força por parte da Espiritualidade superior, mas sim, de falta de força por parte do próprio médium, que mantém condutas e pensamentos que são intimamente afinados com o do Espírito que o influencia, e é isso que dá a esse Espírito inferior o poder de estabelecer seu império e exercer a sua influência sobre aquele médium.

Verifica-se, mais uma vez, a instrução de que o poder de desvencilhar-se das influências dos maus Espíritos é puramente do obsidiado que, no mais das vezes, não muda sua sintonia e continua em situação de afinidade com o desencarnado.

Sendo assim, compreende-se que não há qualquer sentido em dizer que há uma prévia permissão da Espiritualidade superior para que os maus Espíritos se aproximem de nós e nos incitem ao mal. Há que se falar sim, que a nós, indiscutivelmente, cabe o papel de evoluir, e por esse caminho, passa a nossa resistência, oração constante e vigilância para que esses Espíritos de vibração inferior não consigam afinar-se à nossa energia e nos compelir às más atitudes.

É de suma importância que nos lembremos de que somos donos dos nossos caminhos, e que há sempre dois tipos de escolhas a serem feitas, sendo nossa a responsabilidade de estar ou não suscetível às inspirações, sejam elas boas ou ruins.

2.3. O PAPEL DO ORBE TERRESTRE NA OBSESSÃO

Nós que conhecemos a Doutrina Consoladora, estamos mais do que acostumados a ouvir a máxima já enraizada nos meios Espíritas de que a Terra é o mundo das provas e expiações. Sendo assim, pode-se vir a questionar se ao nosso orbe cabe algum tipo de papel que influencie diretamente nos casos de obsessão. E isso, é respondido pelo Evangelho Segundo o Espiritismo:

Em consequência da inferioridade moral de seus habitantes, pululam maus Espíritos ao redor da Terra. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos dos quais a humanidade aqui é vítima. A obsessão – como as doenças e todas as tribulações da vida – deve ser considerada como uma prova ou uma expiação e aceita como tal (KARDEC, 2019, p. 286).

É perfeitamente compreensível o fato de que os Espíritos inferiores estejam ao redor da Terra, pois, sendo sabido que o umbral é uma zona intermediária entre o nosso planeta e o plano Espiritual superior, a realidade é que os Espíritos que permanecem no umbral se encontram em sintonia com a inferioridade moral daqueles que habitam o nosso orbe.

A maldade que a eles é inerente faz parte das mazelas que nós precisamos passar para a nossa própria depuração moral e espiritual e, portanto, sua ação em relação a nós deve ser entendida como uma prova ou expiação, como tantas outras que precisamos passar para que evoluamos.

Entretanto, há que se esclarecerem alguns pontos, o que nos proporciona O Livro dos Espíritos:

259 – Se o Espírito tem a escolha do tipo de provação a que deve submeter-se, isso quer dizer que todas as tribulações que experimentamos na vida foram previstas ou escolhidas pro nós?

– Não exatamente todas, pois não se pode dizer que escolheste e previstes tudo o que vos acontece no mundo, até as menores coisas. Escolheste o tipo de provação, os detalhes são consequência da situação e muitas vezes de vossas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfeitores, por exemplo, sabia dos incitamentos a que se expunha, mas não conhecia cada um dos atos que praticaria; esses atos são efeitos de sua vontade e de seu livre arbítrio. Ao escolher certo caminho, o Espírito sabe que tipo de luta terá de enfrentar; sabe, pois, a natureza das vicissitudes que irá encontrar, mas não sabe se será antes este ou aquele outro acontecimento que o aguarda. Os detalhes nascem das circunstâncias e das coisas. Só os grandes acontecimentos, os que influenciam o destino, estão previstos. Se tu optas por um caminho cheio de desvios, sabes que terás de tomar muitas precauções, pois corres o risco de cair, mas não sabes em que trecho cairás, e pode ser que não caias, se fores prudente. Se, ao passar pela rua, cai uma telha em tua cabeça, não penses que isso estava escrito, como diz vulgarmente (KARDEC, 2018, p. 125).

Mais uma vez, generosamente vem a Espiritualidade nos dizer que, embora a Terra seja um orbe ainda propenso ao mal, que possui o umbral ligado à sua crosta, e que é o lugar das provas e expiações às quais os encarnados devem passar, o gênero dessas provas e expiações será determinado por nós mesmos, em decorrência de nossas atitudes e de nossos pensamentos. Importante salientar que nem tudo está escrito como se costuma dizer, mas sim, que somos nós quem desenhamos os caminhos pelos quais caminharemos, e isso é corroborado pelo Livro dos Espíritos:

872 – A questão do livre arbítrio pode ser assim resumida: o homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não estão previamente determinados; os crimes que

comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por provação ou expiação, escolher uma existência em que sentirá as seduções do crime, seja pelo meio em que se encontra, seja por circunstâncias inesperadas, mas ele é sempre livre para agir ou não agir. Assim, quando se está no estado de Espírito, o livre arbítrio consiste na escolha da existência e das provações, e, no estado corporal, na capacidade de ceder ou resistir às atrações a que somos voluntariamente expostos. Cabe à educação combater essas más tendências. Ela o fará de maneira eficiente quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução, e o temperamento pela higiene (KARDEC, 2018, p. 276).

Portanto, leitor, não há culpados além de nós. Nem a Espiritualidade superior, nem a Terra e nem mesmo os Espíritos inferiores. A cada um de nós cabe o discernimento do que é verdadeiramente caminhar pelas trilhas do bem, e estabelecer para si próprio a proteção necessária para que o mal não se aproxime e nem faça morada.

Nada mais poderoso que o livre arbítrio. E nada mais poderoso do que o “Vigiai e Orai”.

2.4. COMO DIFERENCIAR BONS E MAUS ESPÍRITOS

Já chegando ao fim do presente capítulo, e de posse de valiosas informações que nos explicaram de forma bastante convincente que a influência dos Espíritos maus é situação que ocorre por sintonia expressa com cada um de nós encarnados, muito brevemente O Livro dos Médiuns nos traz passagem a respeito da diferenciação entre bons e maus espíritos:

237 – Entre os obstáculos que a prática do Espiritismo apresenta, é preciso colocar na linha de frente o da obsessão, ou seja, a dominação que alguns Espíritos podem exercer sobre certas pessoas. Ela só ocorre por parte de Espíritos inferiores que querem dominar alguém; os espíritos bons não praticam nenhuma coação; eles aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são escutados, retiram-se. Os maus, ao contrário, apegam-se àqueles em que encontram presa fácil, se conseguem se apoderar de alguém, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como a uma criancinha (KARDEC, 2019, p. 198).

Nesse ponto, esclarece-nos a Espiritualidade que a obsessão só é impetrada por Espíritos de ordem inferior, haja vista que, conforme já mencionado, os Espíritos superiores jamais iriam nos compelir a prática do mal.

Diferenciar um bom Espírito de um mau Espírito é tarefa fácil, desde que se tenha discernimento a respeito do bem e do mal, do certo e do errado, ou seja, tudo dependerá de nosso grau de depuração moral. Sim, pois nós nos encontramos juntos nesse orbe, mas possuímos graus evolutivos diferentes, o que significa dizer que o que é certo para um, pode não o ser para outro.

Certo e errado são conceitos relativos que, embora façam parte de um senso comum, variam de acordo com o que cada um carrega dentro de si como bagagem de conhecimento.

Espíritos bons nos encaminham a bons caminhos, a escolhas que nos façam bem e que permitam que façamos bem ao outro, enquanto que maus Espíritos sempre nos encaminharão para as trilhas do domínio, das más atitudes, dos maus pensamentos, da ausência de empatia e da intolerância em relação do próximo.

A distinção é fácil, apesar de tudo, mas tudo varia diretamente em relação à nossa sintonia e entendimento.

Por isso, mais uma vez, o Vigiai e Orai se faz tão importante, desempenhando o papel de poderosa arma a nos permitir a conexão com a Espiritualidade superior, que não nos livra das provas pela quais devemos passar, mas que nos auxilia sobremaneira na fé, força, resignação, paciência e esperança com as quais atravessamos cada uma delas.

Sendo assim, entendido papel que nos cabe nessa corrente entre o bem e o mal, passar-se-á ao entendimento dos mecanismos pelos quais caminha o processo obsessivo.



CAPÍTULO 3

~

A OBSESSÃO COMO INSTRUMENTO DE VINGANÇA OU DEPURAÇÃO

3.1. AS INFLUÊNCIAS DE VIDAS PASSADAS

Quando se fala em obsessão, e principalmente quando se frequenta sessões de desobsessão em Casas Espíritas, é facilmente perceptível que os Espíritos que se manifestam demonstram que a influência exercida na vida do encarnado socorrido se dá, muito frequentemente, por vinganças enraizadas em acontecimentos de vidas passadas. Isso é corroborado pela citação abaixo, contida em O Evangelho Segundo o Espiritismo:

A obsessão quase sempre é o efeito de uma vingança executada por um Espírito, e que, na maioria das vezes, tem sua fonte nas relações que o obsidiado manteve com esse Espírito numa existência precedente (KARDEC, 2019, p. 286).

Sabemos que a atual existência traz consigo diversos feitos e diversas pendências que vidas anteriores deixaram em nossa bagagem. Sabemos também que as pessoas que hoje nos rodeiam, em sua grande maioria, fazem parte do mesmo círculo de pessoas com as quais um dia convivemos em um passado longínquo.

Sendo assim, simpatias e antipatias são mais do que comuns dentro deste contexto. Na presente vida, há a chance de estreitar laços e livrar-se de débitos, e é nesse sentido que sempre devemos caminhar.

Entretanto, há pessoas com as quais convivemos um dia, que não foram capazes de perdoar o que hoje está encarnado, e nem perdoaram a si mesmas, e seguem por períodos assustadoramente longos de tempo, vagando no plano Espiritual e buscando o alvo de

seu ódio ao longo de sucessivas vidas.

Sua sede é de vingança. Nós, hoje agraciados pelo véu do esquecimento, não nos lembramos do que um dia fizemos, mas se partirmos do pressuposto de que o Espírito não retrocede evolutivamente, ou seja, ou ele fica estagnado ou ele evolui, podemos concluir que em existência passadas podemos ter feito mal a outras pessoas que faziam parte de nosso convívio.

Diante dessa realidade, Espíritos errantes, ainda inseridos em seu Umbral, nos buscam incansavelmente a fim de vingar-se de possíveis males que um dia tenhamos causado.

Certa feita, em uma Casa Espírita, durante sessão aberta de desobsessão, surge um espírito agressivo, que obsidiava uma criança. Ele relatou que a fragilidade de seu corpo atual não o enganava, e que ele não sairia de perto da criança até que a destruísse como ela havia um dia destruído toda a sua família.

Perguntado sobre qual ano estávamos, o obsessor relatou estar na época medieval, o que sabemos tratar-se do período compreendido entre os séculos V e XV.

Observem há quanto tempo esse Espírito encontrava-se perdido, imbuído dos piores sentimentos, das piores atitudes, e o quanto já havia feito para atrapalhar a vida daquele outro Espírito, que nesta encarnação ainda é uma criança.

A vingança perpetrada por meio da obsessão cega os Espíritos errantes, que passam períodos de tempo enormes ainda inseridos dentro da ignorância, perdendo valioso tempo que poderia ser empregado em sua evolução, conhecimento e trabalho no bem.

Nessas ocorrências em Casas Espíritas, é comum que ao serem orientados pelo médium dirigente, só então eles se dão conta de seu estado deplorável, só então percebam o mal que eles próprios fizeram e ainda fazem, e arrependem-se ao conseguirem, então, visualizar Espíritos amigos que pretendem socorrê-lo, mas que não conseguiam por conta da diferença de vibração que o acabava cegando.

Dão-se conta do tempo perdido, do quanto seus amores de vida cresceram e evoluíram enquanto ele ainda caminha pelas vias rasteiras dos maus sentimentos.

Nunca é tarde, mas apesar de ser medido de forma diferente do que medimos enquanto encarnados, o tempo sempre é valioso em qualquer lugar.

Espíritos endurecidos e mergulhados nas águas sujas da vingança não entendem que buscam pela justiça de forma errada, piorando sua situação e acumulando débitos incalculáveis.

Reencarnação é justiça! A própria Espiritualidade, em resposta à questão 171 de O Livro dos Espíritos demonstra em que se baseia o dogma da reencarnação:

Na justiça de Deus e na revelação, pois não cansamos de vos repetir: Um bom pai sempre deixa aos seus filhos uma porta aberta ao arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar irrevogavelmente da felicidade eterna todos aqueles cujo aperfeiçoamento não dependeu de si mesmo? Todos os homens não são filhos de Deus? Somente entre os homens egoístas encontra-se a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.
(KARDEC, 2018, p. 94)

Compreende-se, portanto, que Deus concede a oportunidade da reencarnação para que todos tenham a igual possibilidade de arrepender-se e depurar-se, rechaçando a ideia de um Deus vingativo, que só apresenta aos seus filhos duas opções: o céu ou o inferno.

Por meio da reencarnação, Deus nos abre os olhos para a magnitude de sua misericórdia e amor de Pai, oferecendo a cada um de nós, independentemente de nossos erros, a oportunidade divina de arrependermo-nos e evoluirmos com o aprendizado dos erros cometidos.

Kardec, em nota a mesma questão, ensina:

Não estaria de acordo com a equidade, nem com a bondade de Deus, castigar para sempre aqueles que encontram obstáculos ao seu aprimoramento, independentemente da sua vontade e no próprio meio em que se encontram instalados. Se o destino do homem estivesse irrevogavelmente fixado após a sua morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança, e também não os teria tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, isto é, aquela que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da justiça de Deus acerca dos homens colocados em uma condição moral inferior; é a única que pode explicar o futuro e consolidar nossas esperanças, uma vez que nos oferece o meio de resgatar nossos erros através de novas provações. A razão assim nos indica e os Espíritos assim nos ensinam. O homem que tem consciência de sua inferioridade busca na doutrina da reencarnação uma esperança consoladora. Se acredita na justiça de Deus, não pode esperar ser, por toda e eternidade, igual àqueles que agiram melhor do que ele. A ideia de que essa inferioridade não o deserda para sempre do bem supremo, e que ele poderá conquistá-lo através de novos esforços, sustenta-o e lhe reanima a coragem. Quem é que, ao término de sua carreira, não lamenta ter adquirido tarde demais uma experiência que não pode mais aproveitar? Essa experiência tardia não está perdida; ele a utilizará numa nova vida (KARDEC, 2018, p. 95).

Aprendamos, desde já, então, que a vingança não é caminho de utilidade, e cuidemos no agora dos sentimentos que cultivamos para não atrairmos para nós, Espíritos ainda inseridos nessas trevas. Cuidemos de nós para que no além-túmulo, não sejamos engolidos pelos sentimentos ruins que cultivamos em nós, tornando-nos obsessores de nós mesmos e de outras pessoas.

A reencarnação é caminho de justiça, e é a ela que devemos nos guiar sempre objetivando nosso crescimento e evolução.

3.2 OBSESSÃO COMO PROVA OU EXPIAÇÃO

A existência de Espíritos inferiores é inegável, e eles estão por toda parte, errantes e desejosos de acontecimentos e sentimentos ruins. Habitantes da Terra, o planeta de provas e expiações, encontramos suscetíveis às suas influências.

Sabemos que, de acordo com a resposta à questão 258 de O Livro dos Espíritos, que os espíritos escolhem, enquanto na erraticidade, os gêneros de provas a que pretendem se expor e suportar, e nisso encontra-se a prática de seu livre arbítrio (KARDEC, 2018, p. 125).

Portanto, há provas pelas quais escolhemos passar durante a encarnação para que possamos nos depurar e evoluir espiritualmente.

A obsessão é uma prova que possivelmente não foi escolhida, pois ela depende das escolhas de outro espírito. Entretanto, é prova quando se entende que ela é resultado de uma falha em nossa obrigação em vigiar e orar.

A influência exercida pelos maus espíritos pode ser comparada a uma velha e conhecida metáfora dos admiradores do gênero de filmes de vampiros, que nos “ensinaram” que um vampiro só chega até nós se for convidado.

É exatamente assim que se abrem as portas para as más influências. Somos cuidados e inspirados por nossos Mentores Espirituais, que o tempo inteiro buscam nos manter em vigília e oração.

A cada um de nós, cabe a responsabilidade de sintonizar-se com o Alto, com o bem, através de sentimentos edificantes, pensamentos elevados, oração sincera e atitudes que se coadunem com esses mesmos sentimentos e pensamentos.

É através do cultivo do que é bom, que atraímos o bem para nossa vida, e estabelecemos, assim, uma profunda conexão com a Espiritualidade Superior que nos assiste e protege. Estar no bem significa ter ouvidos abertos às boas inspirações, que tomarão forma no mundo material através das atitudes de amor, fraternidade, caridade, respeito e tolerância que implementarmos no nosso dia a dia.

Ocorre que a realidade não nos permite negar que o ser humano, enquanto restrito à grosseria da matéria, possui dentro de si uma propensão maior a se deixar levar pelo desânimo, descrença, desespero, medo, raiva, egoísmo, orgulho, arrogância e falta de fé.

Somos inclinados aos maus pensamentos e, conseqüentemente, às más atitudes, pois essa é a natureza do local onde vivemos. Na Terra, tudo é difícil. Os acontecimentos ruins e as dificuldades são diários, constantes e fortes, o que na maioria das vezes, nos leva a abrir portas que deveriam estar bem fechadas.

O ato de vigiar e orar, máxima que nos é recomendada sempre, é a ferramenta mais importante e poderosa da qual dispomos enquanto encarnados, para nos tornarmos menos suscetíveis às más inclinações.

Quando falhamos nessa tarefa, estamos expostos a sofrer uma obsessão, já que nos sintonizamos com a energia inferior de Espíritos que nos monitoram, bem de perto, a espera de uma pequena brecha e que eles possam entrar e satisfazer suas necessidades de vingança ou quaisquer outras que para eles façam sentido.

Onde está a prova?

Na força necessária para vigiar e orar e nos mantermos protegidos, por nossos próprios meios, de influências nefastas. A prova reside na constante “ameaça” de que falhemos, e na força que empregaremos para que isso não ocorra.

Veremos mais a frente, que os Espíritos inferiores nos envolvem apenas quando assim permitimos, ficando nítida nossa falha enquanto vigias de nós mesmos.

E nós falhamos! Falhamos porque somos imperfeitos, porque ainda nos falta confiança na Providência Divina, e as provas se dão de forma sucessiva para que aprendamos, mesmo que isso doa. Isso é a mão da justiça Divina em plena ação. É o que demonstra Kardec, em nota deixada em O Livro dos Espíritos:

Uma vez que Deus tudo sabe, ao criar uma alma, já sabia que ela viria a falhar. Portanto, desde sua formação a alma estava predestinada à desgraça eterna: isso é possível, racional? Com a doutrina das penas relativas, tudo se justifica. Deus sem dúvida sabia que a alma falharia, mas Ele fornece os meios de esclarecer-nos por sua própria experiência, por suas próprias faltas. É necessário que ela expie seus erros para melhor firmar-se no bem, mas a porta da esperança nunca lhe é fechada para sempre; Deus faz com que o momento de sua libertação dependa dos esforços que ela empreendeu para atingir esse objetivo. Isso é algo que todos podem compreender, e que a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas sob esse ponto de vista, haveria muito menos céticos (KARDEC, 2018, p. 325).

Portanto, nosso Pai maior tinha a ciência de que falharíamos milhares de vezes, e concede a sua misericórdia por meio das reencarnações para que nos depuremos.

É chegado o momento de buscarmos o menor número de falhas possível, haja vista que possuímos o conhecimento a respeito das verdades generosamente trazidas pela Espiritualidade através da Doutrina Espírita.

Vigiar e orar devem ser hábitos, como tantos outros que angariamos ao longo da vida, e esse hábito, sem a menor dúvida, será o escudo mais forte para que nos defendamos de obsessões terríveis, que nos farão sofrer o que poderíamos já, aprender pelo amor.



CAPÍTULO 4

~

^

A FORMA DE ATUAÇÃO DOS ESPIRITOS OBSESSORES

4.1. COMO OS ESPÍRITOS FAZEM MAL AO ENCARNADO?

Um mau Espírito não poderia ter outra intenção, a não ser trazer sofrimento ao encarnado, e é isso que nos explica a Espiritualidade em O Livro dos Espíritos:

465 – Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

– Para nos fazer sofrer como eles.

465.a) - Isso diminui seus sofrimentos?

– Não, mas eles o fazem pela inveja de ver seres mais felizes.

465.b) – Que tipo de sofrimento querem fazer que experimentemos?

– Os que decorrem do fato de pertencerem a uma ordem inferior e distante de Deus (KARDEC, 2018, p. 175).

O ato de infligir sofrimento ao encarnado não faz com que o Espírito obsessor tenha os seus sofrimentos minimizados. Ele age imbuído de sentimentos inferiores como, por exemplo, a inveja da felicidade alheia, estando muito distante do que Deus significa e espera de cada um de nós.

Conforme visto anteriormente, a obsessão pode se dar por meio de uma vingança relacionada às existências pretéritas ou como uma prova ou expiação necessária ao aprendizado do encarnado.

Ao fazer a transição do mundo físico para o mundo espiritual, o Espírito errante estará diretamente conectado com os seus sentimentos e pensamentos, assim como o era na Terra. Sendo assim, há muitos que chegam ao outro plano, totalmente tomados por sentimentos de vingança, ódio, desespero, tristeza, fracasso, e ali se

inserem no umbral criado por suas próprias vibrações, dando continuidade ao teor de tudo o que vibrava quando encarnado.

Muitos possuíam vícios diversos enraizados, como o alcoolismo, o fumo, o sexo, entre tantos outros. Quando desencarnam, levam consigo as mesmas necessidades com as quais conviviam enquanto aqui residiam.

Sendo assim, aqueles que, por exemplo, venham a ter sofrido um homicídio, possivelmente adentrarão o plano espiritual buscando vingança pelo mal sofrido, e passarão a obsidiar o homicida de forma ferrenha, fazendo com que ele sofra, se desespere, podendo muitas vezes, sucumbir.

Se viciados, alinham-se a encarnados possuidores dos mesmos vícios a eles inerentes, e passam a agir como verdadeiros vampiros, sugando do encarnado a satisfação de seus vícios.

Por exemplo, é comum vermos relatos de que em bares há uma centena de desencarnados em situação de miséria física e moral, acoplados a encarnados e fazendo com que eles bebam mais do que o normal, para que possam sugar as energias oriundas da bebida em satisfação própria. Para isso, inclusive, podem causar sensações físicas no encarnado, como sede, coceira na garganta, entre outros modos.

Como prova ou expiação, o Espírito de vibração inferior não deseja a conexão com bons pensamentos, irritando-se com a felicidade alheia e com a busca dos encarnados por serem boas pessoas. Diante disso, permanece à espreita deles para que em um simples momento de fraqueza, ele possa iniciar sua influência sobre ele.

Eles aguardam as nossas falhas, e nós falhamos! Eles nos influenciam quando permitimos, riem da nossa fraqueza e fazem com que não nos sintamos tão fortes e esforçados quanto imaginamos ser.

Nesse momento, a mudança vibracional do encarnado é de suma importância, haja vista que se ele deixar-se levar pelos maus pensamentos, dará força à influência ruim, fechando-se às boas

inspirações da Espiritualidade de luz e entrando em um círculo perigoso de maldade.

Aqui, mais uma vez, o “Vigiai e Orai” é a arma mais poderosa da qual dispomos para cair e levantar-se rapidamente.

4.2. O ESPÍRITO OBSESSOR PODE HABITAR O CORPO DO OBSIDIADO?

Há um clássico do cinema, conhecido pelos aficionados pelo gênero do terror, em que uma menina encontra-se possuída pelo que denominam como demônio e, com isso, ela gira a cabeça em 360 graus, levita, gira os olhos até que eles fiquem completamente brancos, enfim, todo o tipo de manifestação física da possível entidade, de forma assustadora e grosseira.

Essa é a imagem que grande maioria das pessoas tem quando se fala em obsessão e possessão. Entretanto, não é bem assim que acontece e, não é por acaso que este livro fala sobre a delicada face da obsessão. É o que nos ensina O Livro dos Espíritos:

473 – Um Espírito pode momentaneamente revestir-se com o envoltório de uma pessoa viva, ou seja, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar do Espírito nele se encontra encarnado?

– O Espírito não entra em um corpo como entras em uma casa. Ele se identifica com um Espírito encarnado que tem os mesmos defeitos e as mesmas qualidades para agir conjuntamente. Mas é sempre o Espírito encarnado que age como quer sobre a matéria da qual se acha revestido. Um Espírito não pode colocar-se no lugar daquele que está encarnado, pois o Espírito e o corpo estão ligados até o tempo determinado para o término da existência material (KARDEC, 2018, p. 176).

Conforme nos ensina a Espiritualidade na questão mencionada, não há que se falar em substituição de um corpo por outro Espírito, e nem em coabitação de um corpo por mais de um Espírito. O que há de verdade é uma afinidade. Conforme mencionamos em tópicos

anteriores, os Espíritos passam a obsidiar um encarnado por conexão de pensamentos e energia.

Por exemplo, se uma pessoa se conecta de modo forte e contínuo a um sentimento de ira, sem vontade ou esforço para sair desse quadro, o Espírito irá se aproximar e iniciar o processo de obsessão, tornando o quadro cada vez mais forte e sintomático, o que gera mais e mais dificuldade em sair daquela situação.

O Espírito não fará nada que o encarnado não permitir, mas se este estiver totalmente aberto às más inclinações, é como se o Espírito o estivesse realmente comandando, quando na realidade, o encarnado executa as inspirações ruins porque assim deseja.

O tempo pelo qual perdurar esse processo, bem como a aceitação passiva do encarnado a essa situação, levam a quadros mais graves ainda:

*474 – Se não há possessão propriamente dita, isto é, a coabitação de dois Espíritos num mesmo corpo, a alma pode ficar na dependência de um outro Espírito, de que ela se sinta subjugada ou obsidiada, a ponto de sua vontade ser de alguma forma paralisada?
– Sim, e são esses os verdadeiros possessos. Mas note bem, essa dominação se dá sem a participação de quem a sofre, seja por sua fraqueza ou por seu desejo. Muitas vezes, tacharam de possessos os epiléticos ou os loucos, que precisavam antes de medicina que de exorcismo (KARDEC, 2018, p. 176).*

Muitas vezes, a conexão entre o encarnado e o obsessor é tão forte, que sim, pode-se dizer que sua vontade encontra-se paralisada. Mas ainda nesses casos, no que se convencionou chamar de possessão, é o encarnado responsável por praticar os atos a que está sendo inspirado.

O que há é uma conexão de sentimentos, pensamentos e desejos, mas nada que configure uma possessão como a sociedade convencional pensa, ideia implantada pelos tais filmes de terror.

Nesse sentido, Kardec ainda explica, em nota à questão:

Nota de Kardec – A palavra possesso em sua significação usual, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo. Uma vez que não há demônios nesse sentido, e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos segundo a ideia atribuída a essa palavra. Deve-se entender a palavra possesso apenas como a dependência absoluta em que a alma em relação a Espíritos imperfeitos que a subjagam (KARDEC, 2018, p. 177).

Portanto, reitera Kardec que não há demônios na acepção comum da palavra, e nem coabitação de um corpo. A realidade é que há uma forte e perigosa conexão mental entre encarnado e desencarnado, levando o primeiro a ser subjogado pelo último, tornando-o absolutamente dependente do outro.

Por isso, é de suma importância que se entenda a sutileza desses processos para que sejam percebidos rapidamente, facilitando a resolução de tal situação, possibilitando o afastamento de tais companhias.

4.3. COMO RECONHECER O PROCESSO DE OBSESSÃO?

De acordo com o que preceitua a Espiritualidade no Livro dos Médiuns, há algumas formas de se reconhecer um processo obsessivo, principalmente no meio mediúnico, onde as comunicações são ostensivas.

Sendo assim, no item 243, diz-se que:

“Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características” (KARDEC, 2019, p. 202):

“1º Persistência de um Espírito em se comunicar, queira o médium ou não, através da escrita, audição, tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos possam fazê-lo” (KARDEC, 2019, p. 202).

Conforme descrito no capítulo inicial, há situações em que o médium manifesta apenas um Espírito, julgando que trata-se de uma forma de controle da própria mediunidade ou então, por ter sido escolhido por aquele Espírito.

Entretanto, conforme demonstrado, trata-se de um processo de obsessão, haja vista que a mediunidade deve servir a todos, sem distinção. Não há que se “escolher” qual Espírito irá se manifestar, uma vez que, quando se manifestam normalmente o intuito é de auxílio, e este deve ser prestado a todos.

Quando inserido dentro de um processo de obsessão, outros Espíritos perdem a oportunidade de serem ajudados e, além disso, pode-se perder em qualidade nas manifestações, pois, o Espírito obsessor não está imbuído de sentimentos nobres ou de vontade de ser auxiliado.

Prossegue tal item mencionando que também reconhece-se a obsessão pela

“2º Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe”
(KARDEC, 2019, p. 202).

Quando inserido dentro de um contexto de obsessão, o médium perde o discernimento para analisar as comunicações que oferece. Iludido dentro do cenário, passa a não conseguir julgar a qualidade das falas transmitidas e nem sua veracidade ou não.

É comum que nesse ponto, o médium acabe por se melindrar!

Um exemplo é o caso de um médium que manifestava apenas uma vertente de Espíritos durante as sessões de desobsessão da qual participava: Espíritos suicidas com a mesma fala, sempre. Quando companheiros de trabalho desse médium passaram a alertá-lo do problema, dizendo que esse fato não era normal e que indicava que algo não ia bem, tendo em vista também a baixa qualidade das informações, este se melindrou e deixou de ir àquela Casa Espírita.

Aos médiuns cabe a vigilância dobrada para que não terminem caindo nesses processos e, como consequência, nas garras da vaidade, orgulho e arrogância. Não importa se o médium trabalha há meses ou há anos em uma Casa Espírita dando comunicações, todos que não vigiam e não cuidam de suas vibrações, estão sujeitos a esse tipo de acontecimento, e acaba agindo com melindre quando

sua atenção é chamada para o fato. Afastam-se quando precisam ter mais humildade que o normal para se livrar do obsessor e dar continuidade aos seus trabalhos mediúnicos.

“3º Crença absoluta na infalibilidade e identidade dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas” (KARDEC, 2019, p. 202).

Mais uma das consequências da vaidade, por causa do médium pode achar que não é falho, é não conceber que um Espírito com intuits menores se manifeste por ele.

Ainda mais quando o Espírito se apresenta com nomes conhecidos pelos encarnados, a vaidade cresce ainda mais, pois médiuns menos preparados podem julgar-se privilegiados, especiais, por transmitirem mensagens de tão vultuosas personalidades. E prossegue:

“4º Confiança do médium nos elogios que lhe fazem os Espíritos que se comunicam com ele” (KARDEC, 2019, p. 202).

Vaidade, vaidade, vaidade! É sabido por todos que mediunidade não é presente e não é missão, mas sim, débito, resgate, necessidade de trabalho no bem, no auxílio aos irmãos desencarnados e encarnados menos esclarecidos, é meio de materializar, também, comunicações de bons Espíritos para nos guiar ao longo da vida!

Envaidecer-se com elogios é deixar-se levar pelo orgulho ao sentir-se especial no trabalho. Isso deve ser veementemente evitado por qualquer médium.

“5º Disposição a se afastar das pessoas que lhe possam dar conselhos úteis. 6º Levar a mal críticas sobre as comunicações que recebe” (KARDEC, 2019, p. 202).

Ambas as hipóteses demonstram que o médium pode vir a afastar-se daqueles que tentam apenas alertá-lo e auxiliá-lo em seu trabalho.

Envolvidos pela vaidade, não ouvem com seriedade os alertas recebidos, interpretando os avisos como inveja ou qualquer outro sentimento menor com o qual ele esteja em sintonia.

7º Necessidade inoportuna e incessante de escrever. 8º Qualquer espécie de constrangimento físico que domina a vontade do médium e o força a agir e falar alheio a si mesmo. 9º Ruídos e transtornos persistentes, em torno de si, e dos quais é a causa ou o alvo (KARDEC, 2019, p. 202).

Quando obsidiados, os médiuns podem vir a perder o controle das manifestações, permitindo que o obsessor comande sua vida e se manifeste quando bem entender, seja de que forma for.

Mediunidade precisa ser disciplinada, e tem lugar certo para ser desenvolvida e trabalhada. O médium tem seus afazeres materiais, e deve ter o controle da faculdade para que ela se manifeste nas Casas Espíritas onde trabalhar.

A desordem nessa disciplina é sintoma de um processo obsessivo que precisa ser cuidado e tratado urgentemente. A humildade deve permear os trabalhos dos médiuns, para que esses acontecimentos sejam evitados, e se não, ao menos reconhecidos com rapidez.

4.4. MOTIVOS QUE LEVAM À OBSESSÃO

Mais uma vez, socorre-se ao Livro dos Médiuns para entender tais mecanismos da obsessão. O item 245 elenca alguns motivos que podem “justificar” um processo de obsessão.

Sendo assim, demonstra-se que:

Os motivos da obsessão variam conforme o caráter do Espírito: às vezes é uma vingança que ele exerce contra um indivíduo de quem teve do que se queixar durante sua vida ou em outra existência [...] (KARDEC, 2019, p. 203).

Conforme já demonstrado, verifica-se que um dos motivos para a ocorrência da obsessão é uma vingança relacionada a acontecimentos de uma vida pretérita, ou até mesmo dessa encarnação.

O obsessor, nesse caso, enxerga o encarnado como único culpado pelas desavenças ocorridas entre eles, e busca na vingança, perpetrada pela obsessão, o meio pelo qual atingirá seu inimigo. E continua:

[...] Com frequência, também, não há outra razão senão o desejo de fazer o mal; como ele sofre, quer causar sofrimento aos outros: encontra uma espécie de gozo em atormentá-los, em molestá-los. A impaciência advém disso também o excita, pois é este seu objetivo, ao passo que o cansa a paciência; irritando-se, mostrando despeito, faz-se precisamente o que ele quer. Esses Espíritos muitas vezes agem com ódio e por inveja do bem; por isso lançam seus olhares maus sobre as pessoas mais honestas. Um Espírito assim, se agarrou como “tinha” a uma honrada família de nossas relações (à qual, ao cabo, ele não teve a

satisfação de enganar). Interrogado sobre o motivo por que atacara gente de bem em vez de homens maus como ele, respondeu: Estes não me fazem inveja [...] (KARDEC, 2019, p. 203-204).

Conforme também já demonstrado, o simples prazer em fazer o mal incita alguns Espíritos invejosos que são da felicidade e da bondade de alguns encarnados. É o mal pelo mal, pelo simples fato de este Espírito está cheio de sentimentos ruins, e não aceita que alguém mantenha seus pensamentos e vibrações elevados.

O faz pelo prazer de ver o encarnado sucumbir, pois, falhos que somos, podemos incorrer no erro em vigiar e orar e abrir uma porta, mesmo que rápida, a esses tipos de processos. Nesse caso, não se ligam a pessoas tidas como más, pois pela afinidade vibracional, estes não lhe fazem inveja, pois são parecidos entre si no quesito moralidade.

Além desses, explica, por fim, a Espiritualidade:

[...] Outros são guiados por um sentimento de covardia que os leva a se aproveitar da fraqueza moral de certos indivíduos, os quais sabem ser incapazes de resistir-lhes. Um destes últimos, que subjugava um moço de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, nos respondeu: Eu tenho uma necessidade muito grande de atormentar qualquer um; uma pessoa sensata iria repelir-me; eu me agarro a um idiota que não me opõe nenhuma virtude (KARDEC, 2019, p. 204).

Por fim, têm-se aqueles Espíritos que possuem em si a necessidade enraizada de atrapalhar a vida de uma pessoa, e para isso, se ligam a um encarnado ignorante do ponto de vista intelectual, que não teria conhecimento para repeli-los. Mais uma vez, a maldade pela própria maldade, já que essas pessoas simples não lhes oferecem resistência por total desconhecimento.

Aos três motivos apresentados apresenta-a um único meio de

proteção: Vigiar e orar! Elevar pensamentos, atitudes, agir sempre no bem, auxiliando a Espiritualidade e sendo auxiliado.

A obsessão se instala apenas em portas abertas e é de suma importância que nós, encarnados, façamos o necessário para que dia após dia melhoremos as nossas defesas por meio da oração, mantendo, ao menos, nossa balança de coisas boas e ruins, minimamente equilibrada.

4.5. TIPOS DE OBSESSORES

4.5.1. OBSESSORES ISENTOS DE MALDADE

Na literatura Espírita, continuando no Livro dos Médiuns, a Espiritualidade demonstra a existência de obsessores tidos como isentos de maldade:

246 – Há Espíritos obsessores sem maldade, e até com algo de bom, mas que têm o orgulho de sua pseudossabedoria. Eles têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia; querem fazer prevalecer sua opinião e com esse fim procuram médiuns suficientemente crédulos para aceitá-los de olhos fechados, aos quais fascinam, impedindo-os de discernir o verdadeiro do falso. Esses são os mais perigosos, pois os sofismas não lhes custam nada e porque conseguem que se acredite nas mais ridículas utopias. Como eles sabem do prestígio dos grandes nomes, não têm nenhum escrúpulo em se revestir com aqueles diante dos quais as pessoas se inclinam, e não recuam sequer diante do sacrilégio de se dizer “Jesus”, a “Virgem Maria” ou um santo venerado. Eles procuram causar admiração com uma linguagem pomposa, antes pretensiosa que profunda, cravejada de termos técnicos e ornada com grandes palavras de caridade e de moral; e evitarão dar um mau conselho, pois sabem muito bem que serão repelidos. Aqueles de quem abusam os defendem cegamente, dizendo: “Vocês estão vendo que não dizem nada de mau”. Para eles, porém, a moral não é apenas um passaporte, é a menor de suas preocupações; o que eles querem mais que tudo é dominar e impor suas ideias, por mais insensatas que sejam (KARDEC, 2019, p. 204).

Percebe-se pela citação que esses obsessores utilizam-se da credulidade do médium pelo qual se manifesta a fim de externar seu orgulho envolto em um falso saber, buscando impor suas verdades seja em qual área for.

Apesar do nome, é errado pensar que são inofensivos. Pelo

contrário, carregam em si um grande perigo, pois se utilizam de linguagem rebuscada que seduz os crédulos, tomam para si nomes conhecidos e adorados pelo mundo, para impor ideias absurdas sobre as diversas vertentes da vida humana, levando os mais desaviados a seguir caminhos desprovidos de moral elevada.

Uma importante arma para esse tipo de interferência é um estudo sério e sistemático, disciplinado, coerente, pois, só assim se consegue verificar que algumas mensagens não condizem com os nomes pelos quais elas chegam até nós.

Bons Espíritos nunca nos iriam iludir ou fazer seguir caminhos diferentes daqueles ensinados pelo Mestre Jesus, e isso só é perceptível através do conhecimento, que nos permite o entendimento correto do conteúdo das comunicações e um juízo de valor embasado na tão importante fé raciocinada.

4.5.2. OBSESSORES SISTEMÁTICOS

Ensina-nos Kardec e a Espiritualidade que:

247 – Os Espíritos dados a sistemas geralmente são escrevinhadores; por isso procuram médiuns que escrevem com facilidade, esforçando-se por torná-los instrumentos dóceis e, sobretudo entusiastas, fascinando-os. Esses Espíritos quase sempre são verborrágicos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Agrada-lhes ditar a seus intérpretes textos volumosos, indigestos e muitas vezes pouco inteligíveis, que felizmente têm como antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios em suas falar, e dizem muito com poucas palavras. Assim, essa fecundidade prodigiosa sempre será suspeita (KARDEC, 2019, p. 204).

Os obsessores sistemáticos têm preferência pela manifestação escrita de suas mensagens, e buscam médiuns que assim o façam sem questionar, imbuídos de entusiasmo exacerbado e fascinação pela função mediúnica.

Tais manifestações escritas costumam ser volumosas, ou seja, impressionam mais pela quantidade do que pela qualidade, sendo muitas vezes ininteligíveis. E continua:

É necessário agir sempre com circunspeção quando se trata de publicar semelhantes escritos; as utopias e excentricidades, das quais muitas vezes são abundantes, e que chocam o bom senso, produzem uma lamentável impressão nas pessoas que estão se iniciando no espiritismo, dando-lhes uma ideia falsa sobre este, sem contar que se tornam armas das quais seus inimigos se servirão para ridicularizá-lo. Dentre essas publicações, há aquelas que, sem ser maldosas bem provir de obsessão, podem ser consideradas imprudentes, intempestivas ou canhestras (KARDEC, 2019, p. 204-205).

Termina-se então, mencionando que tais comunicações são perigosas do ponto de vista da Doutrina Espírita, pois, faria com que os não adeptos ou iniciantes tivessem dela uma noção errada, bem como, serviria, e servem, como base para que ela seja ridicularizada. Mais uma vez, um estudo sério por parte dos Espíritas e, principalmente, dos médiuns, é o remédio que pode evitar tais consequências.



CAPÍTULO 5

~

OS TIPOS DE OBSESSAO ESPIRITUAL

A ocorrência da obsessão pode se dar de diversas formas, conforme leciona O Livro dos Médiuns:

A obsessão apresenta características diversas, as quais é necessário distinguir, e que resultam do grau de coação e da natureza dos efeitos por ela produzidos. A palavra obsessão é, por assim dizer, um termo genérico pelo qual se designa esse tipo de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação (KARDEC, 2019, p. 199).

Sendo assim, este capítulo se ocupará dos diferentes tipos de obsessão, os citados acima como os principais tipos, além de outros encontrados na Codificação de Kardec que este capítulo irá se ocupar.

5.1. OBSESSÃO SIMPLES

O primeiro tipo de obsessão a ser mencionado é a obsessão simples, cujo fundamento é explicado pelo Livro dos Médiuns:

238 – A obsessão simples ocorre quando um Espírito malfeitor se impõe sobre um médium, intromete-se à sua revelia nas comunicações que recebe, impede-o de comunicar-se com outros Espíritos e se põe no lugar daqueles que são evocados. Estar obsidiado não significa apenas ser enganado por um Espírito mentiroso; mesmo o melhor médium está sujeito a isso, sobretudo no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, assim como, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser logradas por malandros. Pode-se, pois, ser enganado sem estar obsidiado; a obsessão consiste na tenacidade do Espírito, do qual não se consegue livrar-se; na obsessão simples, o médium sabe perfeitamente que está tratando com um Espírito enganador, e este não oculta isso; ele não dissimula suas más intenções e seu desejo de aborrecer. O médium reconhece sem dificuldade o embuste e, como se mantém alerta, raramente é enganado. Assim, esse tipo de obsessão é apenas algo desagradável, e seu único inconveniente é opor um obstáculo às comunicações que se gostaria de manter com os Espíritos sérios, ou com aqueles por quem se tem afeição (KARDEC, 2018, p. 199-200).

A obsessão simples se dá quando um Espírito tenta atrapalhar as comunicações recebidas por um médium, impedindo que haja manifestação de outros, colocando-se no lugar e fazendo-se passar por aqueles que são evocados. O médium, portanto, precisa estar sempre atento a esse tipo de investida a fim de manter a qualidade de seu trabalho.

A título de exemplo, é muito comum verificar que em sessões de desobsessão em Casas Espíritas, algumas vezes, um dos médiuns informa ao dirigente e à mesa que se encontra presente um Espírito

que deseja apenas tumultuar a sessão, atrapalhar os trabalhos, e que por isso, não devem os demais médiuns permitir a sua comunicação, já que ela em nada agregaria aos trabalhos e ao socorro dos Espíritos realmente necessitados.

Esse tipo de obsessão é facilmente percebido pelos médiuns, já que o Espírito pouco se importa em disfarçar suas intenções. Mas claro, salienta-se, para que haja essa efetiva percepção, é de suma importância que o médium permaneça em alerta e em constante estudo, vigília e oração.

5.2. OBSESSÃO FÍSICA

A obsessão física, segunda espécie de obsessão conhecida e trazida pela Codificação de Allan Kardec é aquela que ocorre por meio de efeitos físicos, conforme menciona a Espiritualidade em O Livro dos Médiuns, ao dizer que *“podem-se colocar nessa categoria os casos de obsessão física, ou seja, aquela obsessão que consiste em manifestações ruidosas e obstinadas de Espíritos que espontaneamente produzem pancadas ou outros ruídos.* (KARDEC, 2019, p. 200).

É o que demonstra a história de “Mademoiselle Clairon e o fantasma, descrita no livro A Obsessão, Kardec (1986, p. 37):

[...] Digna de nota é a sucessão das várias maneiras pelas quais manifestava sua presença. No mesmo dia e no momento exato de sua morte, fez-se ouvir pela primeira vez e em meio a uma ceia despreocupada. Quando vivo, via mademoiselle Clairon por pensamento, cercada por essa auréola com que a imaginação envolve o objeto de uma paixão ardente; desde, porém, que a alma se desembaraça de seu véu material, a ilusão cede à realidade. E lá está ele, ao seu lado, vendo-a cercada de amigos, tudo lhe excitando os ciúmes; seu canto e sua alegria parecem um insulto ao seu desespero e este se traduz por um grito de raiva que ele repete diariamente, à mesma hora, como se para a censurar por se haver recusado a ir consolar seus últimos instantes. Aos gritos se sucedem os tiros de fuzil, inofensivos, é certo, mas que nem por isso denotam menos uma raiva impotente e o propósito de lhe perturbar o repouso. Mais tarde seu desespero toma um caráter mais sereno; evoluindo para ideias mais sadias, parece haver tomado uma resolução: resta-lhe a lembrança dos aplausos de que ela foi objeto e ele os repete. Mais tarde, enfim, diz-lhe adeus, fazendo-a ouvir sons que dir-se-ia o eco dessa voz melodiosa que em vida tanto o encantara.

Sendo assim, e conforme demonstra-se no breve relato acima

referenciado, a obsessão física se dá através da necessidade que tais Espíritos possuem em se fazer notar, e o fazem através de barulhos, pancadas, ruídos que demonstrem que ali estão presentes.

5.3. FASCINAÇÃO

Partindo para o terceiro tipo de obsessão ensinado pela Espiritualidade por intermédio de Allan Kardec, tem-se a fascinação, muito mais grave do que as vistas anteriormente. Nesse tipo, o Espírito passa a agir diretamente no pensamento do médium, o que acaba influenciando de forma muito negativa o seu juízo de valor em relação às comunicações que oferecem. É o que explica O Livro dos Médiuns:

239 – A fascinação tem conseqüências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento o médium, ilusão que, de certa forma, paralisa seu julgamento em relação às comunicações. O médium fascinado não acredita estar sendo enganado; o Espírito consegue o artifício de lhe inspirar uma confiança cega, impedindo-o de enxergar a fraude e de compreender o absurdo do que está escrevendo, mesmo que isso esteja saltando aos olhos de todo mundo; a ilusão chega a fazê-lo enxergar sublimidade na linguagem mais ridícula. Incorreria em erro quem acreditasse que esse tipo de obsessão só pode atingir pessoas mais simples, ignorantes e desprovidas de bom senso; mesmo os homens que em outros assuntos são os mais espirituosos, instruídos e inteligentes não estão livres dela, o que prova que essa aberração é efeito de uma causa externa, da qual sofrem a influência. Dissemos que os efeitos dessa fascinação são muito mais graves. Realmente, com o concurso da ilusão que lhe é conseqüente, o Espírito conduz aquele a quem conseguiu dominar como faria com um cego, e pode fazê-lo aceitar as mais bizarras doutrinas, as mais falsas teorias como sendo a única expressão da verdade. Mais do que isso, pode incitá-lo a atitudes ridículas, comprometedoras e até mesmo perigosas (KARDEC, 2019, p. 200).

Portanto, nestes casos, o Espírito consegue ganhar a confiança do médium, que acaba não se dando conta da realidade dos fatos,

passando a comunicar mensagens absurdas crendo serem coerentes e verdadeiras.

Trata-se de uma vertente de obsessão de extrema gravidade, conforme explica O Livro dos Médiuns:

250 – Já a fascinação é totalmente diferente, pois nesse caso, não tem limites o domínio que o Espírito consegue sobre aquele de quem se apoderou. A única coisa que se pode fazer por ele é esforçar-se para convencê-lo de que está sendo enganado, e fazer sua obsessão retroceder ao estágio de obsessão simples; mas isso nem sempre é fácil, se não for até impossível, algumas vezes. A ascendência do Espírito pode chegar a ponto de tornar o fascinado surdo a qualquer raciocínio sensato, e pode até fazê-lo questionar (quando o Espírito diz alguma heresia científica grosseira) se não é a ciência quem está enganada. Como já dissemos, ele recebe muito mal os conselhos; a crítica o ofende e irrita, e o faz pegar implicância com aqueles que não partilham sua admiração. Levantar suspeitas sobre o Espírito com quem se comunica é, a seus olhos, quase uma profanação, e é isso mesmo que o Espírito mais busca, pois quer que nos coloquemos de joelhos diante de sua palavra. Um espírito desses exercia fascinação fora do comum sobre uma pessoa nossa conhecida. Nós o evocamos e, após algumas fanfarrônicas, vendo que não podia nos enganar sobre sua identidade, acabou confirmando que não era aquele cujo nome usava. Tendo sido perguntado por que se aproveitava daquela pessoa, respondeu com estas palavras, que revelam nitidamente o caráter dos espíritos desse tipo: “Procurava um homem a quem pudesse manipular; eu o encontrei, e aqui ficarei”. Porém, se vocês o fazem ver com clareza, ele os rechaçará: “É o que veremos”! Como não há pior cego do que aquele que não quer ver, quando se percebe a inutilidade de qualquer tentativa de abrir os olhos daquele que está fascinado, o melhor a fazer é deixá-lo com suas ilusões. Não se pode curar um doente que se obstina em conservar sua doença e nela se compraz (KARDEC, 2019, p. 206-207).

Todos os médiuns estão expostos a esse tipo de influência, desde os iniciantes e simples, como os já experimentados e instruídos. Mais uma vez verifica-se que é importante ao extremo que haja sempre um estudo disciplinado da Doutrina, bem como a constante vigília para que não se abram portas a esse tipo de influência.

Mais uma vez ressalta-se que a mediunidade não faz ninguém

especial, sendo tarefa árdua, de grande responsabilidade e peso. Todo e qualquer médium estará vulnerável diante desses Espíritos a partir do momento em que baixar sua guarda em relação a proteger-se desse tipo de ataque. Ser humilde em compreender os conselhos e alertas que chegam por parte de outros médiuns é outra condição importante para que tais influências não se prolonguem por tanto tempo.

Nesse diapasão, ensina-nos O Livro dos Espíritos:

476 – Não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja tal que a pessoa subjugada não perceba isso? Então, uma terceira pessoa pode frear a sujeição, e, nesse caso, que condição ela deve preencher?
– *Sendo um homem de bem, sua vontade pode ajudar, se recorrer à cooperação dos bons Espíritos, pois quanto mais se é um homem de bem, maior é o poder que se dispõe para afastar os Espíritos imperfeitos e atrair os bons. No entanto, essa terceira pessoa seria impotente se aquele que está subjugado não quer isso; pois há quem se deleite com uma situação de dependência que satisfaz seus gostos e desejos. Em todo caso, aquele cujo coração não é puro não pode ter nenhuma influência. Os bons Espíritos o abandonam e os maus não o temem (KARDEC, 2018, p. 177).*

Quando a fascinação é detectada em um médium, a submissão a essa situação pode ser tão exacerbada, que este pode não a perceber. Então, um terceiro pode auxiliar, desde que este esteja imbuído de bons sentimentos e seja efetivamente uma pessoa de bem, que possua condições de solicitar a ajuda dos bons espíritos.

Por motivos óbvios, e de conhecimento daqueles que estudam de forma séria a Doutrina Espírita, uma má pessoa não conseguiria auxiliar ao fascinado por não estar em sintonia com a Espiritualidade Superior, haja vista que sabemos que atraímos aquilo que emitimos por meio de atitudes, palavras e energia.

Ademais, é de suma importância que também entendamos que a máxima “só se ajuda quem quer ser ajudado” é verdadeira e vale

aqui também. Se o médium subjugado não desejar livrar-se daquele que o subjuga, nem o mais bondoso dos homens conseguirá ir a seu auxílio, por este estar em sintonia direta com o espírito obsessor.

A realidade é que somos falíveis, mas sabemos onde não podemos errar, e quando nos deixamos levar pelas garras da invigilância, do orgulho e da vaidade, impreterivelmente estaremos abrindo portas que, depois, são difíceis de serem fechadas.

Por isso, o mais importante e mais redundante: Vigiai e orai!

5.3.1 DIFERENÇA ENTRE OBSESSÃO SIMPLES E FASCINAÇÃO

Conhecidas as três primeiras formas de obsessão, é importante que entendamos a diferença existente entre a obsessão simples e a fascinação. Nesse sentido, nos ensina O Livro dos Médiuns que:

Compreende-se com facilidade a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação. Também se compreende que o caráter dos espíritos que produzem esses dois efeitos deve ser diferente um do outro. Na primeira, o Espírito que se prende a vocês é apenas um ser importuno por sua tenacidade, de quem há pressa de se livrar. Na segunda, o caso é outro; para alcançar aqueles fins, é preciso um Espírito hábil, astucioso e profundamente hipócrita, por ele somente consegue enganar e ser aceito assumindo uma máscara e um falso semblante de virtude; as grandes palavras de caridade, humildade e amor a Deus servem-lhe de carta de crédito; porém, por tudo isso ele acaba deixando à mostra sinais de inferioridade que é preciso estar fascinado para não perceber. Além disso, teme acima de tudo as pessoas que enxergam com lucidez, e por isso sua tática quase sempre consiste em inspirar ao seu intérprete o afastamento de qualquer um que lhe possa abrir os olhos; por meio disso, evitando qualquer contradição, o médium fica com a certeza de que está sempre com a razão (KARDEC, 2019, p. 200-201).

Compreende-se, assim, que no caso da obsessão simples, há a

influência de um Espírito que tenta dificultar, embaraçar ou atrapalhar as comunicações transmitidas aos médiuns, enquanto na fascinação, há a manifestação de um Espírito, com mensagens absurdas, que o médium, sob fascinação, julga corretas. O primeiro Espírito e o segundo diferem-se muito entre si.

Na obsessão simples o Espírito é importuno, enquanto na fascinação eles são hábeis, astutos e muito hipócritas já que tomam para si uma máscara de virtudes que não lhe são inerentes. Eles acabam por afastar o médium do meio onde ele está sujeito a ser alertado e aconselhado por pessoas que não se encontram fascinadas, buscando sempre não serem desmascarados e seguir dando vazão às inúteis comunicações que passam.

Vê-se uma vez mais, que há um pouco de influência da vaidade do médium, que ao julgar-se infalível, não leva em consideração as críticas construtivas recebidas dos demais médiuns do trabalho, decidindo-se pelo afastamento e dando força à fascinação.

5.4. SUBJUGAÇÃO

A respeito desta modalidade de obsessão, explica-nos O Livro dos Médiuns ensinando que *“a subjugação é um arrebatamento que paralisa a vontade daquele que é submetido, e que o faz agir alheio a si mesmo. Em uma palavra, fica-se sob um verdadeiro jugo”* (KARDEC, 2019, p. 201).

Portanto, entende-se que a influência é muito forte, e aquele que está sob subjugação não possui mais vontade própria, ficando a mercê do obsessor de suas vontades. Explica-nos ainda que:

A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é levado a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras, as quais, devido a uma espécie de ilusão, acredita serem sensatas; é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito age sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Esse tipo de subjugação se traduz, no médium escrevente, em uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Já pudemos observar que, não havendo pena ou lápis, esses médiuns simulam escrever com o dedo, em qualquer lugar que se encontrem, mesmo nas ruas, sobre portas e paredes (KARDEC, 2019, p. 201).

No caso da subjugação moral, portanto, as decisões e o juízo de valor do obsidiado são influenciados de forma direta, crendo ele que as coisas mais absurdas são sensatas. Já na subjugação corporal, o Espírito atua diretamente nos órgãos e nos movimentos do obsidiado. Exemplifica-nos a Espiritualidade mencionando que a subjugação corporal é muito comum em médiuns escreventes, que passam a escrever muito e nos piores momentos e, caso não disponha dos materiais necessários, chega ao absurdo de escrever com os dedos, simulando, obviamente, em qualquer lugar onde

esteja. Diz ainda O Livro dos Médiuns

A subjugação corporal às vezes vai ainda mais longe: pode levar aos atos mais ridículos. Conhecemos um homem que, não sendo jovem nem bonito, sob o domínio de uma obsessão dessa natureza, viu-se obrigado por uma força irresistível a pôr-se de joelhos diante de uma jovem que nunca tinha visto antes e pedi-la em casamento. Em outra ocasião, sentiu nas costas e pernas uma pressão enérgica que o forçava, a despeito da vontade que opunha a isso, a pôr-se de joelhos e a beijar a terra em locais públicos e na presença da multidão. Esse homem passava por louco entre seus conhecidos; nós, porém, estamos convencidos de que ele não estava louco, pois tinha plena consciência do ridículo daquilo que fazia contra sua vontade, e de que sofria terrivelmente com isso (KARDEC, 2019, p. 201).

Entende-se, assim, que a subjugação pode ir a extremos, obrigando que o obsidiado aja de acordo com a vontade do Espírito, expondo o médium às situações mais esdrúxulas e ridículas, passando a ser visto como um louco por aqueles que são alheios às verdades do que ocorre.

5.4.1. SUBJUGAÇÃO CORPORAL E LOUCURA

Conforme dito no item anterior, a subjugação pode chegar a níveis tão extremos, que faz os demais acreditarem que o obsidiado é louco. Nesse sentido, socorre-nos O Livro dos Médiuns:

6. A subjugação corporal, levada a certo grau, poderia ter como consequência a loucura? Sim, uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida para o mundo, e que não tem ligação com a loucura vulgar. Dentre os que são tratados como loucos há muitos que na realidade são subjugados: ser-lhes-ia preciso um tratamento moral, ao passo que são realmente transformados em loucos com os tratamentos físicos que recebem. Quando os

médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que o fazem com as duchas (KARDEC, 2019, p. 210).

Há sim casos em que os enfermos, tidos como loucos, encontram-se “apenas” subjugados. Os tratamentos dispensados a esses pacientes não seriam necessários se a Medicina terrena já dispusesse de maiores conhecimentos acerca do Espiritismo, ou que ao menos os aceitassem, haja vista que o tratamento adequado também seria o moral, que levaria o paciente a recuperar-se da situação de subjugação de forma muito mais efetiva do que o faz os tratamentos atuais dispensados a ele.

Abre-se breve parênteses nesse tópico para mencionar que a Medicina terrena deve ser sempre procurada, e aí sim andar de forma concomitante com os tratamentos espirituais. Deve-se evitar o pensamento de que tudo tem como causa um Espírito, devendo evitar-se animismo e buscar orientação e auxílio médico e conjunto com os tratamentos espirituais, fazendo-se, assim, um tratamento completo. Um não exclui o outro em nenhum caso!

5.5. OBSESSÕES GRAVES

Já no que tangem os casos de obsessão grave, estes são descritos em O Evangelho Segundo o Espiritismo, conforme se segue:

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado é como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repele. É desse fluido que o obsidiado deve desembaraçar-se. Ora, um mau fluido não pode ser repellido por outro mau fluido. Através de uma ação idêntica à do médium curador nos casos de doença, expulsa-se o mau fluido com a ajuda de um fluido melhor, que produz, de certa forma, o efeito de um reagente. É uma ação mecânica, mas que, sozinha, não é suficiente. É preciso também – e sobretudo – agir sobre o ser inteligente; é preciso ter o direito de falar-lhe com autoridade, e essa autoridade não é adquirida senão através da superioridade moral. Quanto maior ela é, maior será a autoridade (KARDEC, 2019, p. 287)

Quando uma obsessão grave se instala, o obsidiado fica como que envolto em uma névoa de maus fluidos, o que por si só, já impede que os bons o alcancem. É sobre esse fluido que deve ser voltado o trabalho, pois, é dele que é necessário livrar-se. Isso só pode se dar com a influência de um bom fluido enviado por alguém com autoridade sobre o Espírito obsessor, com moral elevada e que consiga agir sobre este Espírito, conscientizando-o do mal que executa.

No Livro Obras Póstumas, interessante esclarecimento nos traz a Espiritualidade, acrescentando ao disposto anteriormente:

Por vezes acontece que a subjugação avulta até ao ponto de paralisar a vontade do

obsidiado, do qual nenhum concurso sério se pode esperar. Aí, principalmente, é que a intervenção de terceiros se torna necessária, quer por meio da prece, quer pela ação magnética. Mas, também a força dessa intervenção depende do ascendente moral que os interventores possam ter sobre os Espíritos; se não valerem mais do que estes, improficua será a ação que desenvolvam. A ação magnética, no caso, tem por efeito introduzir no fluido do obsidiado um fluido melhor e eliminar o do mau Espírito. Ao operar, deve o magnetizador objetivar duplo fim: o de opor a uma força moral outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido com o auxílio de outro fluido. Dessa forma, não só opera um desprendimento salutar, como igualmente fortalece os órgãos enfraquecidos por longa e vigorosa constrição. Compreende-se, em suma, que o poder da ação fluídica está na razão direta não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, segundo o que deixamos dito, que essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador ordinário, que atuasse maquinalmente, apenas por magnetizar, fraco ou nenhum efeito produziria. É de toda a necessidade um magnetizador espírita, que atue com conhecimento de causa, com a intenção de obter, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, porém, os resultados que vimos de descrever. É, além disso, evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido não pode deixar de ser muito proveitosa nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador tem a auxiliá-lo a vontade do obsidiado, o Espírito se vê combatido por dois adversários em lugar de um (KARDEC, 2012, p. 89).

Há casos mais graves em que a intervenção de terceiros não é somente possível, mas sim absolutamente necessária, uma vez que demanda alguém com autoridade moral sobre o obsessor para fazer a “troca” dos fluidos ruins pelos bons. Nestes casos, há que se ter muito cuidado com a magnetização dessa situação, pois, às vezes, a subjugação é tão antiga, que é preciso que se dê especial atenção aos órgãos do encarnado, que por longo período se enfraqueceu pela influência maligna do obsessor, estando ambos sincronizados em perfeita simbiose.

5.6. POSSESSÃO

A possessão é o tipo de obsessão que povoa o imaginário de muitas pessoas, pois é palavra muito usada nos filmes do gênero terror. São descritos demônios que tomam o lugar no corpo de sua vítima, mudando de voz, adquirindo forças sobrenaturais, tendo atitudes ruins, entre outros. Assim, explica-nos o Livro dos Médiuns:

241 – Antigamente, dava-se o nome de possessão ao domínio exercido pelos espíritos maus quando sua influência chegava a ponto de distorcer as faculdades. Para nós, possessão seria antônimo de subjugação. Se não adotamos esse termo, foi por dois motivos: primeiro, por implicar a crença em seres criados para o mal e perpetuamente devotados a ele, ao passo que o que existe são apenas seres mais ou menos imperfeitos, sendo que todos podem melhorar. Segundo, porque implica a ideia de tomada em possessão também do corpo, por um espírito estranho, numa espécie de coabitação, ao passo que o que existe é apenas coação. A palavra subjugação exprime o pensamento perfeitamente. Assim, para nós, não há possessos no sentido vulgar da palavra: há apenas obsidiados, subjugados e fascinados (KARDEC, 2019, p. 201).

Verifica-se que a Espiritualidade afirma não adotar o termo possessão, justamente pela forma com que ele vem sendo empregado ao longo do tempo. Quando se ouve falar em uma possessão, automaticamente remete-se a seres imensamente maus, e apenas voltados ao mal, sem qualquer possibilidade de recuperação, o que sabemos, de acordo com os ensinamentos da Doutrina Consoladora, que não existem na realidade, devido a todos somos imperfeitos e aprendemos a melhorar-nos ao longo do tempo, não permanecendo eternamente maus.

Sobre seus mecanismos, verifica-se, de acordo com A Gênese:

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia (KARDEC, 2013, p. 270).

Portanto, o Espírito passa a manifestar-se ele próprio, sem qualquer controle ou influência do médium obsidiado, sem qualquer filtro moral nas suas manifestações, podendo inclusive ser reconhecido pelas pessoas se for um desencarnado com quem elas já conviveram. Note-se que não se trata, conforme já explicou a Espiritualidade na questão anteriormente analisada, de uma possessão do corpo, haja vista que isso contraria até mesmo as leis da física, mas sim, da possessão das faculdades do médium, que passa a não manifestar qualquer desejo ou pensamento, permitindo que o Espírito se comunique livremente, sem qualquer cuidado e preparo adequado.

5.7. AUTO OBSESSÃO

Neste tópico, falaremos sobre um tipo de obsessão muito pouco compreendida e pouco difundida: a auto obsessão. De acordo com os ensinamentos contidos no livro *Obras Póstumas*, verifica-se:

Cumpra também dizer que amiúde se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com frequência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessivo de si mesmo (KARDEC, 2012, p. 90).

É preciso que, de posse dos ensinamentos generosamente ofertados a nós pela Espiritualidade, tenhamos o cuidado de não imputar aos espíritos e apenas a eles, as faltas das quais somos nós os verdadeiros responsáveis.

Nos auto obsidiamos sempre que nos diminuímos, sempre que permitimos que os maus pensamentos se apoderem de nosso dia a dia, sempre que nos deixamos levar pela tristeza, pelo orgulho, pela vaidade, pela falta de caridade e pelo julgamento que fazemos dos outros, a quem muitas vezes nem conhecemos a história.

Somos obsessores de nós mesmos quando nos colocamos na situação de vítimas, quando choramos por não termos o que queremos e não olhamos para tudo o que já conseguimos. Somos os nossos próprios malfeitores quando nos abandonamos, deixamos de nos amar, permitindo que as outras pessoas façam de nós o que elas desejam, matando pouco a pouco nossa autoestima e alegria de

viver.

Nem sempre são espíritos. Às vezes, somos nós! E o que fazer com essa informação? Compreender que o remédio é o de sempre: “Vigiai e orai”” Seja grato pela oportunidade que recebestes com a encarnação e lute, com garra e paciência, para vencer as vicissitudes comuns da vida neste Orbe.

5.8 OBSESSÃO COLETIVA

Finalmente, tem-se a questão que diz respeito à possibilidade de ocorrência de obsessões coletivas. Nesse ponto, o livro *A Gênese* demonstra:

49 – São as mais das vezes individuais a obsessão e a possessão, mas não raro são epidêmicas. Quando sobre uma localidade se lança uma revoada de maus Espíritos, é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Pode então ser muito considerável o número dos indivíduos atacados (KARDEC, 2013, p. 271).

Conhecido caso de possessão coletiva foi trazido na *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, Ano VI, Maio de 1863, nº 5*:

Em suma, dizemos que uma nuvem de seres malfazejos abateu-se momentaneamente sobre Morzine, como ocorreu em muitas localidades; e não será com duchas nem alimentos suculentos que serão expulsos. Uns os chamam diabos ou demônios; nós os chamamos simplesmente Espíritos maus ou Espíritos inferiores, o que não implica uma melhor qualidade, embora seja muito diferente pelas consequências, considerando-se que a ideia ligada aos demônios é a de seres à parte, fora da Humanidade e perpetuamente votados ao mal, ao passo que eles são apenas as almas dos homens que foram maus na Terra, mas que acabarão por se melhorarem um dia. Vindo a essa localidade, fazem, como Espíritos, o que teriam feito se a ela tivessem comparecido em vida, isto é, o mal que faria um bando de malfatores. Deve-se, pois, expulsá-los como se expulsaria uma tropa inimiga (KARDEC, 2004, p. 195)

O caso dos possessos de Morzine nos ensina ser possível a

obsessão coletiva, claro, salientando-se que, conforme viu-se, há que haver sintonia para que esses maus Espíritos consigam seu intento através das portas abertas deixadas pelos encarnados.

Desta feita, observa-se que o mais comum são as obsessões individuais, mas pode sim ocorrer de muitos Espíritos ruim aglomerarem-se em uma única localidade, podendo sim ocorrer uma obsessão de vários indivíduos, haja vista que ela ocorre pela invigilância dos que são acometidos. Portanto, sim, há a possibilidade da obsessão coletiva.



CAPÍTULO 6

SISTEMATICA DA OBSESSAO

6.1. A OBSESSÃO DE ENCARNADO PARA ENCARNADO

Muito se questiona a respeito da possibilidade de haver obsessão entre encarnados e, infelizmente, a resposta é afirmativa.

Sempre que o homem, mergulhado em suas más tendências baseadas quase sempre no orgulho e no egoísmo, deixa-se levar por sentimentos de injustiça, vingança e ódio, torna-se um obsessivo daquele que ele julga ser o causador de todos os seus males e tristezas. O Evangelho Segundo o Espiritismo nos esclarece em seu capítulo X, item 4:

A misericórdia é o complemento da doçura, pois aquele que não é misericordioso não poderia ser dócil e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor denotam uma alma sem elevação nem grandeza; o esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada que está acima dos golpes que pediram ser desferidos contra ela. Uma é sempre ansiosa, de uma suscetibilidade desconfiada e cheia de fel; a outra é calma, cheia de mansuetude e caridade (KARDEC, 2019, p. 107-108).

Nesse primeiro trecho, pode-se verificar que os sentimentos que levam ao ódio e o desejo de vingança são inerentes a Espíritos menos elevados, que ainda não possuem dentro de si a capacidade de perdoar e entender que neste plano onde nos inserimos, não há vítimas nem algozes, e sim, situações que concorrem para que os resgates se concretizem e sejam devidamente sanados.

Claro, entretanto, que quando tais sentimentos são alimentados e ganham força dentro de nós, os débitos não são solucionados, e o

pior, acumula-se ainda a mais a pagar em existências futuras, atraindo para nós mesmos mais provas e expiações para nossa depuração moral.

E continua:

Infeliz daquele que diz “Eu nunca perdorei”. Pois se não for condenado pelos homens, certamente o será por Deus. Com que direito reclamaria o perdão de suas próprias faltas se ele mesmo não perdoa a dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que se perdoe a seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete (KARDEC, 2019, p. 108).

Nosso Irmão mais velho, Sr. Jesus, nos ensinou por meio de exemplos muito claros e evoluídos, o que significa o perdão. Perdoou aos seus “algozes” pedindo que o Pai os perdoasse, pois eles não sabiam o que faziam. Não se lamentou ou maldisse sua sorte quando no calvário, enquanto nós, diante da mais insignificante das faltas e dificuldades, nos tornamos amargos, sisudos, buscando ou desejando o mal daquele que nos atingiu. Somos nós os obsessores quando não perdoamos!

Mas há duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segunda intenção, que delicadamente poupa o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, mesmo sendo ele quem está de todo errado. A segunda, pela qual o ofendido, ou aquele que julga sê-lo, impõe ao outro condições humilhantes, e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita em vez de acalmar. Se ele estende a mão, não é com benevolência, mas com ostentação, para poder dizer a todo mundo: “Vede quanto sou generoso”! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera, de ambas as partes. Não, não é aí que está a generosidade: esta é uma maneira de satisfazer o orgulho. Em toda contenda, aquele que se mostra mais conciliador, que prova maior desinteresse, caridade e verdadeira grandeza de alma, este sempre contará com a simpatia das pessoas imparciais (KARDEC, 2019, p. 108).

Perdoar sem cobrar, sem impor, é das atitudes mais difíceis que precisamos muitas vezes tomar em nossas vidas, mas é ela que nos oferece a paz de espírito necessária ao nosso crescimento e ao crescimento do outro.

Enquanto assim não entendermos, aprendermos e praticarmos, continuaremos ocupando o papel dos obsessores que tanto nos “assustam” na vida das pessoas que cruzam nossos caminhos.

6.2. A OBSESSÃO DE ENCARNADO PARA DESENCARNADO

A obsessão que parte de um encarnado para um desencarnado baseia-se, na totalidade das vezes, em possessividade, egoísmo e desequilíbrio por parte do encarnado. Por mais que essas palavras soem muito fortes, são essas as bases do sentimento que nos acomete quando nos vimos separados daqueles que partem antes de nós.

Quando, por exemplo, perdemos um ente querido, sofremos a saudade que também o acomete, óbvio. Entretanto, a diferença é que diante da materialidade que a nós é ainda inerente, sentimos falta da presença física, e sofremos, choramos, nos questionamos e questionamos os desígnios do Alto diante da “injusta separação”.

Chamamos pelo desencarnado, queremos que ele esteja perto de nós, enviamos a ele os sentimentos de dor, lamúria, tristeza, desilusão e possessividade. E ele, lá no Plano Espiritual, a tudo assiste e sente com intensidade ainda maior, preocupando-se, sem motivos, com os que aqui permaneceram.

O egoísmo que nasce dessa situação, ao invés de auxiliar o desencarnado, o prejudica, haja vista que há um enorme atraso na sua recuperação.

Dois momentos são muito dolorosos para o espírito, quais sejam o nascimento e a desencarnação, e não auxiliamos em nada no restabelecimento e entendimento daqueles que nos deixaram, quando agimos como desesperados diante da morte.

Tornamo-nos obsessores encarnados dos que se foram, porque não oramos de forma amorosa, emitindo gratidão pelo tempo vivido juntos, pelas lembranças e lições aprendidas em conjunto, com fé no reencontro futuro e inadiável.

A base dessa sistemática obsessiva é o egoísmo descabido e que tanto nos prejudica em vários aspectos e situações da vida carnal.

6.3. A OBSESSÃO DE DESENCARNADO PARA DESENCARNADO

A obsessão de desencarnado para desencarnado também se baseia puramente no egoísmo e no orgulho que permitem sempre a abertura de uma porta imensa para o desejo de vingança.

É muito comum ocorrer de, em vida, pessoas se desentenderem, alimentarem ódios recíprocos e sentimentos muito inferiores com relação ao outro e, quando no mundo espiritual, o que se julga inocente e injustiçado, busca seu algoz para perpetrar seus planos que, muitas vezes, são dificultados quando o outro encontra-se mergulhado na carne.

Mais uma vez, como nos casos anteriores, a vingança é o combustível para que tais processos efetivamente ocorram, passando os desencarnados, anos e anos, alimentando sentimentos pueris que em nada os auxiliam na evolução e no melhoramento moral.

Como ensinou-nos O Evangelho Segundo o Espiritismo no primeiro tópico deste capítulo, o perdão é a chave para acabar com esses processos, conscientizando-se o espírito de que o mal sempre o levará ao atraso, perdendo precioso tempo que poderia ser empregado no bem, seja por si mesmo, seja pelo próximo.

Sendo o tempo um instituto muito diferente no Plano Espiritual, ou seja, não é medido como o é para nós, a perda dele é um dos maiores pesos pelos quais a consciência espiritual pode sentir e arrepender-se.

6.4. A OBSESSÃO DE DESENCARNADO PARA ENCARNADO

A mais comum de todas, a obsessão de desencarnado para encarnado baseia-se, também, em mecanismos de vingança por situações que o encarnado atualmente desconhece, de modo que se encontra beneficiado pelo véu do esquecimento das reencarnações pretéritas.

O espírito vingador, que não deixou o Plano Espiritual e consegue afinar-se com o encarnado por sua sintonia, passa a fazer da vida deste um verdadeiro martírio, imputando a ele os maiores problemas e dores para vingar a injustiça da qual entende ser a vítima.

Além disso, por sermos seres inerentemente pessimistas, comumente abrimos as portas necessárias para que espíritos menos evoluídos invadam nosso espaço e estabeleçam a obsessão por afinidade de pensamentos, sugando de nós aquilo que deseja, desequilibrando nossas atitudes e a nossa própria vida.

Por isso, perdão e oração!

Essas sempre serão as armas mais poderosas a nossa disposição para que evitemos tais situações que prejudicam a nós e aos próprios espíritos.

Ao procedermos de forma correta, vigiando e orando, perdoando verdadeiramente as ofensas que nos atingem, estaremos praticando a caridade pura, aquela que auxilia o próximo sem esperar retribuição, apesar de ela vir sim, em forma de paz e tranquilidade para que cada um de nós siga seu caminho de forma harmoniosa.



CAPÍTULO 7

MEDIUNIDADE E OBSESSAO

7.1. OS MECANISMOS DA MEDIUNIDADE E A OBSESSÃO

No que tange a forma pela qual se dá a obsessão dentro do contexto da mediunidade, O Livro dos Médiuns ensina:

244 – Quando se está sob o perigo da obsessão, questiona-se se ser médium não é uma coisa penosa; se não é essa faculdade que provoca a obsessão; em uma palavra, se isso não prova o inconveniente das comunicações espíritas. Nossa resposta é fácil, e pedimos que se medite sobre ela com atenção. Não foram os médiuns nem os Espíritos que criaram os Espíritos, mas os próprios Espíritos é que fizeram com que haja Espíritos e médiuns. Não sendo os Espíritos senão a alma dos homens, desde que existem homens necessariamente existiram Espíritos e, por consequência, estes sempre exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a humanidade. A faculdade mediúnica, para eles, é apenas um meio de se manifestar; não havendo essa faculdade, irão se manifestar de mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Portanto, seria um erro acreditar que os Espíritos só exercem influência através de comunicações escritas ou orais; essa influência ocorre a todo momento, e aqueles que não se preocupam com os Espíritos, ou mesmo que não acreditam neles, estão tão expostos a isso quanto os outros, e até mais que os outros, pois não tem como contrabalançar essa influência. Para o Espírito, a mediunidade é um meio de se fazer conhecer; se ele é mau, inevitavelmente se trai, por mais hipócrita que seja; portanto, pode-se dizer que a mediunidade permite encarnar seu inimigo face a face, se podemos nos exprimir assim, e combatê-lo com suas próprias armas; sem essa faculdade, ele age na sombra, e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer o mal (e realmente faz, muito). A quantos atos não se é levado a fazer, para sua própria desgraça, e que teriam sido evitados se houvesse um meio de se esclarecer! Os incrédulos não acreditam dizer tanta verdade quando dizem, de um homem que obstinadamente se desencaminha: “É seu mau gênio que o leva à sua própria perda”. O conhecimento do Espiritismo, longe de entregar o domínio aos maus Espíritos, deve ter como resultado, num tempo mais ou menos próximo, e quando já se tiver propagado, destruir esse domínio, oferecendo a todas as pessoas os meios de estar alerta contra suas sugestões, e aquele que sucumbir só poderá acusar a si mesmo (KARDEC, 2019, p. 202-203).

O trecho acima trazido demonstra que a influência de maus Espíritos pode ocorrer tanto nos médiuns propriamente ditos, que são trabalhadores conjuntos com a Espiritualidade, como junto àqueles que não creem nos Espíritos ou que não exerçam de forma ostensiva a mediunidade que lhe é inerente.

O que ocorre é que nos casos em que a obsessão ocorre em um médium, há que se lembrar que comumente este se deixa levar por ela por conta de vaidade e de orgulho, por julgar-se infalível em seus trabalhos, não aceita que vem sendo enganado por um Espírito mal-intencionado.

A Espiritualidade existe, e ela é boa ou ruim, cabendo ao médium discernir a qualidade e veracidade das comunicações a que dá vazão, podendo deixar-se levar pela fascinação caso não esteja atento e vigilante no desempenho de suas funções como intermediário da Espiritualidade.

Continua o livro A Gênese:

48- Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo (KARDEC, 2013, p. 270).

Interessante contribuição nos traz A Gênese, ensinando que a possessão pode ocorrer também por um bom Espírito que deseja comunicar-se e, para isso, utiliza-se do corpo do médium, que o empresta sem que haja qualquer mal-estar ou perturbação, para que a mensagem seja transmitida, ficando comumente, em estado de expansão e acompanhando ao espírito comunicante que

momentaneamente utiliza-se de sua matéria.

Nesse sentido, complementa o livro *Obras Póstumas*:

Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o Espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons, se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada d'água. Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de possessão. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua (KARDEC, 2012, p. 84).

Portanto, entende-se que se a atuação é de um bom Espírito, este envolve o médium com seu perispírito, confundindo-se com suas vontades e pensamentos, possibilitando que o Espírito se comunique da forma que lhe aprouver transmitindo a sua mensagem.

Entretanto, se o Espírito for ruim, a atuação é malfazeja, causa mal estar inclusive podendo paralisar a vontade do médium, que acaba por se tornar uma espécie de marionete de suas vontades. Esta é a causa das obsessões, fascinações ou subjugações que foram estudadas ao longo do livro, e que muitos ainda chamam de possessão.

7.2. AS COMUNICAÇÕES DO MÉDIUM OBSIDIADO

O Livro dos Médiuns nos esclarece ainda mais sobre a ocorrência da obsessão no meio mediúnico:

242 - A obsessão, como dissemos, é um dos maiores obstáculos à mediunidade; e também uma das mais frequentes. Assim, nunca serão demais os esforços empregados para combatê-la, pois, além dos inconvenientes pessoais que dela podem resultar, é um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. Como a obsessão, em qualquer grau de intensidade, é sempre efeito de uma coação, e como essa coação nunca pode ser exercida por um espírito bom, disso resulta que toda comunicação dada por um médium obsidiado é por princípio suspeita e não merece nenhuma confiança. Se às vezes nela se encontra algo de bom, é preciso recolhê-lo e rejeitar tudo que levantar a menor dúvida (KARDEC, 2019, p. 202).

Tem-se, dessa forma, que a obsessão é a grande ameaça, o grande perigo da mediunidade, e é muito comum de ocorrer. O médium deve estar atento às comunicações que transmite, percebendo nelas a veracidade e luminosidade inerentes, pois, qualquer comunicação de um mau Espírito não será envolta de qualquer boa intenção. Essa é uma das principais formas de reconhecer a influência de um mau Espírito.

Em A Gênese há ainda maiores esclarecimentos:

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatá-o, se este não possui bastante força moral

para lhe resistir. Fáz-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa (KARDEC, 2013, p. 270-271).

Diante da maldade do Espírito que obsidia o médium, este pode impeli-lo a atos perigosos, tortura-o com maestria, estendendo-se aos que se encontram por perto. Portanto, a “possessão” é matéria a ser observada não só pelo próprio médium, mas por todos que o rodeiam e que podem ter mais facilidade de percebê-la, uma vez que a situação de enganação que é inerente àquele que transmite as suas comunicações.

7.3. O MÉDIUM E AS COMUNICAÇÕES DE UM ÚNICO ESPÍRITO

Sobre a forma pela qual a obsessão de um único Espírito ocorre, socorre-nos, mais uma vez, o Livro dos Médiuns:

248 – Ocorre com frequência que um médium só consiga se comunicar com um único Espírito, o qual se prende a ele e, por seu intermédio, responde por aqueles a quem se evoca. Isso nem sempre é uma obsessão, pois pode estar relacionado à falta de flexibilidade do médium, e a uma afinidade especial de sua parte por este ou aquele Espírito. Só há obsessão propriamente dita se o Espírito se impõe e afasta os outros por sua vontade, o que jamais é feito por um Espírito bom (KARDEC, 2019, p. 205).

Conforme citamos logo no início deste livro, muitas vezes o médium transmite apenas a comunicação de um único Espírito, o que nem sempre configura uma obsessão, mas sim, uma falha do médium ou uma afinidade implícita entre ambos. A obsessão ocorre quando o Espírito se impõe contra a vontade dos médiuns, e isso sempre será atitude de um mau Espírito. E continua o mesmo trecho de O Livro dos Médiuns:

Geralmente, o Espírito que se apodera do médium com vistas a dominá-lo não suporta o exame crítico de suas comunicações; quando vê que elas não são aceitas e que são discutidas, em vez de se retirar ele inspira ao médium a ideia de isolar-se, e muitas vezes até lhe ordena isso. Todo médium que se ofende com a crítica das comunicações que obtém é eco do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom, uma vez que lhe inspira um pensamento ilógico, o de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre algo

lamentável para ele, porque então não terá nenhum controle sobre suas comunicações. Ele não apenas deve esclarecer-se com o conselho de terceiros, mas é até necessário que estude todos os tipos de comunicações, para compará-las. Limitando-se àquelas que obtém, por melhores que lhe pareçam, fica exposto a iludir-se sobre seu valor, sem contar que lhe é impossível saber de tudo, e suas comunicações quase sempre giram em torno de um mesmo círculo (KARDEC, 2019, p. 205).

Nesta transcrição, verifica-se a necessidade de se examinar as comunicações transmitidas, pois, quando elas ocorrem, verifica-se que, diante das intenções do Espírito, ao contrário de retirar-se, pois foi pego em sua farsa, o Espírito consegue impelir o médium a deixar-se levar por sua vaidade e orgulho, afastando-se daqueles que interpretam as comunicações como fruto de uma manifestação de Espíritos maus.

7.4. OBSESSÃO COMO FORMA DE OBSTÁCULO AO MÉDIUM

O Livro dos Médiuns esclarece, nesse sentido:

3. A obsessão que impede o médium de obter as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade de sua parte?

– Eu não disse que isso era um sinal de indignidade, mas um obstáculo que pode impedir certas comunicações; o médium deve concentrar-se em eliminar o obstáculo que se encontra nele mesmo; sem isso, suas preces e súplicas de nada adiantarão. Não basta a um doente dizer a seu médico: “Dê-me saúde, quero ficar bem”. O médico nada pode se o doente não faz o que é necessário (KARDEC, 20019 p. 209).

Inicialmente traz a Espiritualidade o fato de que estar obsidiado não se configura em uma explícita falta de dignidade ou moral do médium, mas que estas ocorrências são um dos maiores obstáculos a serem observados e enfrentados pelos médiuns em sua totalidade. O médium necessita estar atento e empenhado para que não ocorram tais fatos, pois, não basta pedir em oração para não ocorra, devendo agir efetivamente para evitá-la.

Nesse sentido, vem A Gênese acrescentar:

São numerosos os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, e não derivam de outra causa muitos casos de loucura. Amiúde, há também desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. Dando a conhecer essa fonte donde provém uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o

autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência
(KARDEC, 2013, p. 271).

Explica-nos a Espiritualidade que muitos casos interpretados pela Medicina humana como loucura, nada mais são do que casos graves de obsessão. Nesse sentido, os tratamentos humanos em nada ajudarão e nenhum efeito surtirão enquanto não forem realizados concomitantemente ao tratamento espiritual que atuará sob a influência inteligente que vem causando o desequilíbrio físico.

O Espiritismo, portanto, traz a luz para que certos sofrimentos humanos sejam compreendidos e remediados de forma devida, auxiliando aquele que sofre a influência dos maus Espíritos que dele se apoderam.



CAPÍTULO 8

~

CONSIDERAÇÕES SOBRE FORMAS RITUALÍSTICAS DE DESOBSESSÃO

8.1. ELUCIDAÇÕES SOBRE DEMÔNIOS DE ACORDO COM O CÉU E O INFERNO

Não é de se estranhar que, conforme já citamos, o termo obsessão e seus derivados sempre remetam a seres sobrenaturais, feios, tomando o corpo de uma pessoa e agindo por si só, como um verdadeiro demônio na acepção popular dada à palavra. E é exatamente assim que ele é sempre chamado.

Entretanto, será que demônios existem da forma com que a construção dos tempos nos ensinou? Vem, então, elucidar o livro O Céu e o Inferno:

Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte. A criação dos seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, eles constituem a humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas. Despojados desses corpos, eles constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos que povoam os espaços. Deus os criou perfectíveis. Ele lhes deu por alvo a perfeição, e a felicidade, que é consequência da perfeição, mas Ele não lhes conferiu a perfeição. Deus quis que eles devessem a perfeição ao seu esforço pessoal, a fim de que tivessem seu próprio mérito. Desde o instante de sua formação, eles progredem seja na condição de encarnados, seja na condição espiritual. Chegando ao apogeu, eles tornam-se Espíritos puros ou anjos, conforme se diz popularmente. De modo que, desde o embrião do ser inteligente até o anjo há uma cadeia contínua, em que cada elo representa um grau de progresso. Disso resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, segundo os quais eles se encontram no alto, embaixo ou no meio da escala. Assim sendo, há Espíritos em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de maldade. Nos graus inferiores, há aqueles que ainda estão profundamente inclinados ao mal e nele se comprazem. Podem chamá-los demônios, se o quiserem, pois são capazes de todas as maldades atribuídas a esses. Se o Espiritismo não lhes dá esse nome é para não os associar à ideia de que são seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente má, destinados ao mal pela eternidade e incapazes de progredir para o bem (KARDEC, 2019, p. 96-97).

Sendo assim, o entendimento é de que todos são criados iguais, ou seja, todos iniciam a vida no mesmo grau de evolução, o que nos faz seres primitivos nos primórdios, até seres de luz com o subir dos degraus. Diante disso, não há que se falar em demônios, pois estes não se diferem em nada da Humanidade, são espíritos menos evoluídos ainda inclinados ao mal e que se deliciam em praticá-lo.

O termo demônio é uma criação teológica da doutrina da Igreja, e segundo a qual, “os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência. São os anjos caídos; que foram colocados por Deus no alto da escala e caíram” (KARDEC, 2019, p. 97).

Entretanto, “segundo o Espiritismo, são Espíritos imperfeitos, mas que irão melhorar. Estão ainda e, baixo na escala, mas subirão” (KARDEC, 2019, p. 97).

Sendo assim, a obsessão e suas variáveis ocorrem, como demonstrado ao longo dos capítulos anteriores, devido à presença de Espíritos maus e a sintonia que eles encontram junto àquele que passa a obsidiar, mas não por demônios, como se desmistificou neste tópico.

8.2. EXPULSÃO DE DEMÔNIOS

Diante do fato desmistificado da existência de demônios, vem ainda O Livro dos Espíritos nos falar a respeito de sua suposta expulsão:

*480 – Que pensar da expulsão dos demônios mencionada no Evangelho?
– Isso depende da interpretação. Se chamais demônio um Espírito mau que subjuga um indivíduo, quando sua influência for destruída, ele realmente terá sido expulso. Se atribuis uma doença ao demônio, quando tiverdes curado a doença, também direis que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa conforme o sentido que se atribui às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se vê apenas a forma e quando se toma a alegoria pela realidade. Compreendei e guardai bem isso: é de aplicação geral (KARDEC, 2018, p. 177-178).*

Tendo em vista tal pergunta e tal resposta, pode-se compreender que o demônio expulso tratado nos Evangelhos nada mais é do que uma metáfora daquilo que de ruim acomete o ser humano, que possui entendimentos diversos e pode chamar de demônio um espírito mal, ou uma doença, ou qualquer outra causa de aflição que lhe atinja.

Na realidade, percebe-se em muitas situações ao longo da leitura das obras básicas que muitas dúvidas que nos acometem e as consequentes explicações a ela inerentes, esbarram em uma questão semântica. Isso significa dizer que é difícil nos fazer compreender algo que não conseguimos visualizar enquanto inseridos na matéria, pois, muitos desses conceitos são imateriais. Por isso, tem-se por demônio tudo o que é ruim, pela utilização da palavra ao longo do

tempo conforme ela foi empregada desde o início.

E continua elucidando sobre o tema o livro *Obras Póstumas*:

Muitas pessoas prefeririam certamente outra receita mais fácil para repelirem os maus Espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de vencer-se um inimigo, senão fazer-se mais forte que ele. Quando estamos doentes, temos que resignar-nos a tomar um medicamento, por muito amargo que seja; mas, também, se tivermos tido a coragem de bebê-lo, como nos sentimos bem e fortes! Temos, pois, que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, bem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. De todo isso riem-se os maus Espíritos e não raro se comprazem em indicar alguns, tendo sempre o cuidado de afirmá-los infalíveis, para melhormente captarem a confiança daqueles a quem querem iludir, porque, então, estes, confiantes nas virtudes do processo aconselhado, se entregam sem receio (KARDEC, 2012, p. 87-88).

O ser humano, inerentemente preguiçoso, sempre em busca de fórmulas mágicas para lidar e solucionar os seus problemas, obviamente desejaria que tais fórmulas também existissem para serem aplicadas em casos de obsessões. Entretanto, não há qualquer tipo de ritual, objeto ou palavra capaz de livrar um encarnado da obsessão, além de sua força moral diante do algoz.

Portanto, expulsar um “demônio” será sempre uma consequência do vigiar e orar que muitas vezes mencionamos, ouvimos, mas que pouco praticamos. Além disso, também nos auxilia a prática da reforma íntima, tão postergada por todos nós, mas que se constitui não apenas como uma forma de “expulsar”, mas também de nos blindar desse tipo de ocorrência.

A paz de uma vida sem interferências ruins é possível de acordo com nosso esforço e desejo de mudar e vencer.

8.3. EXORCISMO

Por fim, encerra-se este capítulo com breves comentários a respeito do tão conhecido exorcismo. Inicialmente, de acordo com O Livro dos Espíritos, os espíritos que estejam obsidiando uma pessoa, e passem por uma sessão de exorcismo, em nada são atingidos, obstinando-se a ficar onde estão por não levar a sério tal ritual, que vem sem qualquer alteração moral da vítima e funcionando apenas como uma fórmula falível:

*477 – As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os maus Espíritos?
– Não; eles riem e se obstinam quando veem alguém levando coisas assim a sério
(KARDEC, 2018, p. 177).*

E continua o livro Obras Póstumas:

59. A experiência comprova a ineficácia do exorcismo, nos casos de possessão, e provado está que quase sempre aumenta o mal, em vez de atenuá-lo. A razão se encontra em que a influência está toda no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos e não num ato exterior, na virtude das palavras e dos gestos. O exorcismo consiste em cerimônias e fórmulas que zombam os maus Espíritos que, entretanto, cedem à autoridade moral que se lhes impõe. Eles veem que os querem dominar por meios impotentes, que pensam intimidá-los por um vão aparato e, então, se empenham em mostrar-se os mais fortes e para isso redobram os esforços. São quais cavalos espantadiços que dão em terra com o cavaleiro inábil e que obedecem quando topam com um que os governa. Ora, aqui, quem realmente manda é o homem de coração mais puro, porque é a ele que os bons Espíritos de preferência atendem (KARDEC, 2012, p. 90-91).

Portanto, frisa-se que um mau Espírito apenas fará cessar sua influência no momento em que houver uma ascendência moral sobre ele, em nada auxiliando rituais como o exorcismo. Se a afinidade surge por conta de uma porta que se abre por pensamentos, sentimentos e atitudes negativos, apenas a correção de tais imperfeições morais é que irão expulsão o Espírito inferior e livrará a vítima da obsessão da qual se vê sofredora.



CAPÍTULO 9

FORMAS DE SE EVITAR E ACABAR COM A OBSESSÃO

9.1. COMO NÃO ATRAIR MAUS ESPÍRITOS

Conforme dito ao longo dos capítulos anteriores, a aproximação dos maus Espíritos que terminam por obsidiar a nós, encarnados, se deve a uma responsabilidade exclusivamente nossa, que ainda no atual estágio evolutivo em que nos encontramos, abrimos portas e janelas perigosas com frequência, emanando energias que acabam por sintonizar-se a esses irmãos desencarnados menos instruídos.

Eles buscam o divertimento, a vingança e até o mal pelo mal, e cabe a cada um de nós a atenção para não atraí-los. Eles estão à espreita, aguardando o menor dos sinais, para poder exercer seu domínio sobre nós.

É o que nos explica O Evangelho Segundo o Espiritismo:

16. Prefácio. Os maus Espíritos só vão aonde encontram satisfação à sua perversidade. Para afastá-los, não basta pedir, nem tampouco ordenar: é preciso tirar de si o que os atrai. Os maus Espíritos farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo. Assim como limpais o corpo para evitar vermes, limpai também a alma de suas impurezas para evitar os maus Espíritos. Como vivemos num mundo onde pululam maus Espíritos, as boas qualidades do coração nem sempre protegem contra suas tentativas, mas dão força para resistir-lhes (KARDEC, 2019, p. 264).

Antes de pensar em como fazê-los partir, é preciso pensar em como não convidá-los. Sim! Convidá-los, pois, quando baixamos a guarda e permitimos que sentimentos inferiores tomem conta de nós, estamos emitindo ao universo a mensagem de estamos em má sintonia, e já sabemos que atraímos aquilo que emanamos.

É preciso pensar na limpeza de nossos pensamentos e sentimentos,

buscar ao máximo, e por mais difícil que seja, ao menos um equilíbrio entre o que nos surge de ruim e de bom. É a qualidade dessas variáveis humanas que determinará a companhia à qual estaremos atrelados do ponto de vista espiritual. É o que claramente nos diz O Livro dos Espíritos:

LE 467 – Pode-se escapar da influência dos Espíritos que induzem ao mal?

– Sim, pois tais Espíritos só se prendem àqueles que os solicitam pelos desejos ou que os atraem por seus pensamentos (KARDEC, 2018, p. 175).

Atraímos o que pensamos e o que desejamos, e isso inclui tudo aquilo que reside no plano espiritual, seja bom ou seja ruim. A vida nos dá exemplos práticos de como funciona essa sistemática de dar e receber aquilo que se deu.

Por exemplo, se acordamos de mal humor, pensando que nem devíamos sair da cama e tudo o que há a ser feito naquele dia é terrivelmente pesado, teremos um péssimo dia. O trabalho não fluirá, imprevistos acontecerão, pessoas ao redor estarão irritadiças ou nos irritando mais que o comum. Mas culpamos o dia, “eu sabia”. Não somos realistas o suficiente para pensarmos que desde que colocamos o pé no chão ao sair cama, estamos pedindo por um dia como esse.

O mesmo se dá com as nossas companhias espirituais. Então, o contrário de tudo o que dissemos, é o meio necessário para atenuar ou evitar tais influências, conforme nos ensina mais uma vez O Livro dos Espíritos:

LE 469 – Por que meio pode-se neutralizar a influência dos maus Espíritos?

– Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus rejeitareis a influência dos Espíritos inferiores, destruindo o império que queiram ter sobre vós. Evitai ouvir as

sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que insuflam entre vós a discórdia e todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, pois eles voz apanham em vossa fraqueza. Eis porque Jesus vos ensinou a dizer, na oração dominical: Senhor! Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal (KARDEC, 2018, p. 175).

Assim sendo, podemos afirmar que toda a sistemática envolvida nos processos obsessivos, bem como as formas de evitá-la, são um claro convite para que exerçamos nossa reforma íntima. Ainda é mais fácil para nós o pensamento negativo, ele flui. Os maus sentimentos nos circundam, ainda somos demasiadamente imperfeitos. Fazer a reforma íntima é processo longo, lento e gradual, exercício de força para fazer brotar um bom pensamento e um bom sentimento em meio aqueles que pululam entre nós.

Fácil não é, mas é possível dar um passinho de cada vez. Os problemas que evitaremos são enormes, e o fato de caminhar, mesmo que lentamente, já nos faz crer que estamos atendendo aos planos de evolução pensados por nós e para nós!

9.2. AUXÍLIO AOS MAUS ESPÍRITOS

Até este ponto falamos a respeito de como evitarmos o processo obsessivo, as formas que nos cabem de prevenção e melhoramento energético que nos fazem estar em boas companhias, ou más, a depender de nossa disposição. Entretanto, é de suma importância que pensemos também no Espírito obsessor.

É uma das formas de caridade ter consciência de que o Espírito ainda inclinado às más atitudes precisa de auxílio.

Nós, inseridos na matéria, já estamos tendo nossa valiosa chance de aprimoramento moral, chance esta que nunca deve ser desperdiçada. Já o obsessor encontra-se ainda em estado de perturbação, pensando piamente que o mal é o caminho, buscando vítimas imprudentes que lhes dão o espaço que precisam para seus desígnios. É dever dos médiuns a orientação e aconselhamento deste irmão desencarnado, levando-o a compreender que desperdiça tempo e energia na somatória de novos débitos ao invés de buscar seu melhoramento e uma nova chance na reencarnação.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos ensina:

81. Prefácio. Isso ainda não é tudo. Para assegurar a libertação, o Espírito perverso precisa ser levado a renunciar a seus maus desígnios; deve nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas em evocações especiais, visando a sua educação moral. Só então pode-se ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito (KARDEC, 2019, p. 287).

É comum que se veja essa citação materializada em Casa Espíritas durante sessões de desobsessão. O dirigente da sessão conversa com

o Espírito obsessivo, buscando mostrar a este que o mal que pratica o prejudica até mais do que ao obsidiado, levando-o a ver sua condição normalmente deplorável, incitando seus sentimentos adormecidos que trarão seu arrependimento, culminando em sua aceitação por ajuda e aprimoramento moral. E é isso que nos demonstra O Livro dos Médiuns:

*5. Não é possível, também, combater a influência dos Espíritos maus moralizando-os?
– Sim, mas não é isso que se faz, e é justamente o que não pode deixar de ser feito; essa tarefa muitas vezes lhes é dada, e vocês devem cumpri-la caridosa e religiosamente. Através de conselhos sábios é possível levá-los ao arrependimento e apressar seu avanço. Como um homem pode ter mais influência sobre isso do que os próprios Espíritos?
– Os Espíritos perversos se aproximam mais dos homens que eles querem atormentar do que os Espíritos, dos quais se afastam o máximo possível. Nessa aproximação com os humanos, quando encontram quem os tente moralizar, a princípio não escutam, e riem deles, quando se sabe cativá-los, acabam se comovendo. Os Espíritos elevados só lhes podem falar em nome de Deus, e isso os assusta. O homem certamente não tem mais poder que os Espíritos superiores, mas sua linguagem se identifica melhor com a natureza dos Espíritos inferiores e, em vista da ascendência que pode exercer sobre eles, compreende melhor a solidariedade existente entre o céu e a terra (KARDEC, 2019, p. 209-210).*

É dever dos médiuns em atividade o aconselhamento dos Espíritos inferiores, buscando que eles perdoem e libertem-se do mal que fazem e desejam, aceitando ajuda e buscando seu crescimento.

Entretanto, não há que se confundir essa tarefa mediúnica com uma suposta superioridade dos médiuns encarnados em relação aos Espíritos superiores. O que ocorre é que os Espíritos compelidos ao mal encontram familiaridade em nossa linguagem, e aproximam-se mais de nós do que dos Espíritos propriamente dito, o que faz com que nos ouçam e, mesmo que relutantes no início, acabam comovendo-se com o que lhes é dito e mostrado.

E diz ainda:

Além disso, a ascendência que o homem pode exercer sobre os Espíritos existe em razão de sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo aqueles que, apesar de não serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode cominar os Espíritos que lhe são moralmente inferiores (KARDEC, 2019, p. 210).

E por fim, o cumprimento desse dever de orientação dos Espíritos obsessores deve ser feito por um encarnado que tenha ascendência moral sobre eles. Tal fato é verdadeiro, pois mesmo que imperfeito, o encarnado influenciará apenas quem está abaixo dele do ponto de vista moral, ou seja, o obsessor, o que não ocorreria com um Espírito mais elevado.

Por isso é dever dos médiuns buscar o crescimento moral em conjunto com o intelectual, a fim de cumpram com suas atividades de forma satisfatória.

9.3. A PRECE COMO PODEROSA ARMA CONTRA OBSESSORES

Vigiar e orar!

Reforma íntima!

Remédios que já vimos ser de suma importância para o combate e prevenção dos casos de obsessão. Mas há mais um, pleno de poder e sublime significado: a Prece!

É o que nos demonstra citação de O Evangelho Segundo o Espiritismo:

81. Prefácio. A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a situação, concorre com sua vontade e a prece. Não acontece o mesmo quando, seduzido pelo Espírito enganador, se ilude sobre as qualidades daquele que o domina, e se compraz no erro em que aquele o mergulha. Então, longe de auxiliar, está a rejeitar qualquer assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde que a mais violenta subjugação. Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor (KARDEC, 2019, p.287).

Se o obsidiado estiver atento e perceber que o processo de obsessão está em curso, ele deve trazer de dentro de si a força necessária para não sucumbir às más inclinações, lançando mão da prece como sua mais poderosa arma contra os Espíritos inferiores. É a prece que nos equilibra e sublima, fazendo com que nossa sintonia mude gradualmente e afaste tais Espíritos, que só nos acompanharão enquanto subsistir a afinidade energética.

E sobre a prece, ainda acrescenta O Livro dos Espíritos:

LE 479 – A prece é um meio eficaz para curar a obsessão?

– A prece é um poderoso socorro em tudo. Mas entendei bem que não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus ajuda os que agem, e não os que se limitam a pedir. É preciso, portanto, que o obsidiado faça a sua parte para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos (KARDEC, 2018, p. 17).

A prece sincera, de coração, humilde e plena de boas intenções é nosso escudo de proteção contra tais perigos, mas deve ser somada sempre à ação, pois precisamos fazer por merecer para receber. Não adianta pedir e continuar vibrando em baixas sintonias, que a prece terá sido quase que em vão.

Lembrando que o Espiritismo prega a fé raciocinada, ou seja, estamos sendo cuidados e amparados o tempo todo, mas precisamos agir no sentido de nos melhorarmos e buscarmos aquilo que almejamos, pois tudo o que temos e teremos é sempre fruto do nosso merecimento.

9.4. A URGÊNCIA DO MELHORAMENTO MORAL DOS ENCARNADOS

E finalmente, fechando esta breve reflexão acerca dos sutis mecanismos da obsessão, fica o mais importante aviso à nós, encarnados:

81. Prefácio. Assim como as doenças são resultado de imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão é sempre resultado de uma imperfeição moral que facilita a ação de um mau Espírito. A uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral deve opor-se uma força moral. Para proteger-se das doenças, fortifica-se o corpo; para guardar-se da obsessão é preciso fortificar a alma. Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar em seu próprio aprimoramento, o que na maioria dos casos basta para livrá-lo do obsessor, sem socorro de pessoas estranhas. Esse socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente muitas vezes perde a vontade própria e seu livre-arbítrio (KARDEC, 2019, p. 286).

Busquemos incessantemente nosso aprimoramento moral!

Esta reencarnação que vivemos, somadas às já vividas e às que ainda viveremos, são as grandes oportunidades que temos de provar o que já aprendemos e demonstrarmos nosso desejo real de aprender ainda mais.

Sabemos que o Espírito não retrocede, mas pode estagnar-se evolutivamente.

Entretanto, também sabemos que a consciência do tempo perdido é a maior dor que um Espírito pode levar de volta ao Plano Espiritual, com a desencarnação.

Por isso, busquemos evoluir! Façamos valer a vida que vivemos, ajudemos aos outros e nós mesmos, aprendamos e ensinemos àqueles que nos circundam, física e espiritualmente.

Acrescido de tudo que foi dito, melhorar-se moralmente não só evita processos de obsessão como nos faz crescer ainda mais na escala espiritual, buscando a perfeição que tanto almejamos!

CONCLUSÃO

Tratar da obsessão como processo sutil que é, nos expõe de forma irrefutável o quanto somos vulneráveis e ainda imperfeitos. Seguimos pelos caminhos de uma vida acreditando piamente que somos donos de nossos passos, e na maioria das vezes fechamos olhos e ouvidos às influências espirituais que nos acompanham e atingem, tanto para o bem quanto para o mal.

Refutar tais assertivas é fechar os olhos a realidades que só se prestam a nos oferecer auxílio por meio do conhecimento, dando-nos as ferramentas necessárias para protegermo-nos daquilo que pode nos prejudicar. Como se diz comumente, conhecimento é poder.

Entretanto, é de suma importância que nos lembremos o tempo inteiro que somos, sim, os comandantes deste barco chamado encarnação, e o que de bom e ruim nos alcança, até nós chegou por meio das portas que abrimos e que sempre serão coerentes com o que emitimos ao Universo.

Basta observar a sistemática da vida que teremos provas irrefutáveis de que não estamos sós, e que a depender do que se vibra, receberá de volta. A lei de ação e reação não nos abandona nunca, e isso é uma das grandes provas da Justiça de Deus agindo em nossos caminhos.

A obsessão possui engrenagens silenciosas e invisíveis. Nos atinge nos momentos de maior fragilidade, normalmente, mas para servir de meio a nos provar o quanto somos fortes e o quão vigilantes somos em busca da melhoria individual. A materialidade nos faz ser atentos apenas àquilo que tem grandiosidade, ou seja, aquilo que acontece de forma incrível, extraordinária, sobrenatural e que tenha

a capacidade de nos chocar, mas não é assim que convive conosco a Espiritualidade, seja ela boa ou ruim. Eles estão ao nosso redor o tempo todo, basta encontrar afinidade de energia.

Por isso, que as lições que fiquem destas páginas sejam a do cuidado e atenção, da necessidade de orar, vigiar e reformar-se intimamente, encontrando nessas atitudes as ferramentas necessárias para nossa proteção e crescimento. Mas, antes de tudo, que todos compreendam o enorme poder que reside dentro de nós, em nossa vontade, e que somos sim capazes de atos grandiosos e de auxílio ao próximo, no caso nossos irmãos desencarnados inferiores, quando estamos fortes e imbuídos do amor incondicional, compreendendo que todos somos imperfeitos e que a todos nós é dada a chance de evoluir, degrau por degrau, pouco a pouco, uns mais rápido, uns mais lentos, mas sempre em frente.

Proteger-se e orar por aqueles que nos atingem por desconhecimento de realidades maiores, é exercer o amor incondicional que de nós a Espiritualidade espera, e entender que isso também faz parte das sutilezas da obsessão, é ter poderosa ferramenta de auxílio e caridade: O saber!

REFERENCIAS

- Kardec, Allan. **Revista Espírita**. Jornal de Estudos Psicológicos – Ano Sexto 1863. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2004. Brasília – DF: Editora FEB. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1863.pdf>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- _____. **A Obsessão**. Tradução e prefácio de Wallace Leal V. Rodrigues. Matão: O Clarim. 1986.
- _____. **Obras Póstumas**. 2012. Editora FEB. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/139.pdf>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- _____. **A Gênese**. Tradução Guillon Ribeiro. 53ª ed. 2013. Brasília – DF: Editora FEB. Disponível em: https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/A-genese_Guillon.pdf. Acesso em: 03 de fevereiro de 2020.
- _____. **O Livro dos Espíritos**. Tradução Matheus Rodrigues de Camargo. 23ª reimp. nov. 2018. Capivari - SP: Editora EME.
- _____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução Matheus Rodrigues de Camargo. 44ª reimp. fev. 2019. Capivari - SP: Editora EME.
- _____. **O Livro dos Médiuns**. Tradução Matheus Rodrigues de Camargo. 2ª reimp. fev. 2019. Capivari - SP: Editora EME.
- _____. **O Céu e o Inferno** Tradução Editora EME. 1ª ed. dez. 2019. Capivari – SP: Editora EME.



Esta edição eletrônica foi diagramada na Editora
EME (19) 3491-7000, Capivari-SP. O texto foi
composto em Book Antiqua e os títulos em Trajan
Pro.

Julho 2020